This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.

+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.

+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.

+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

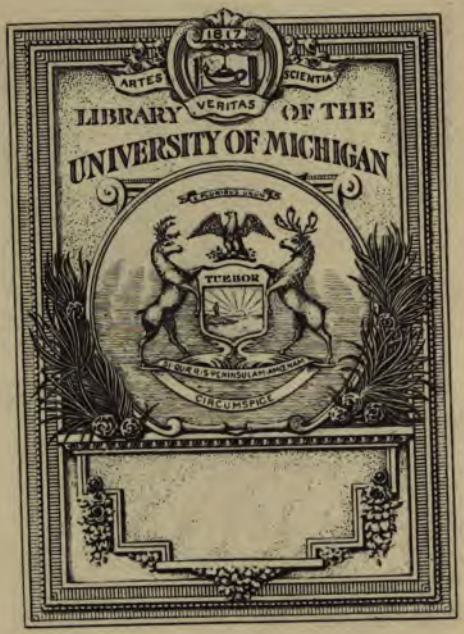
About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

869.8
M9285
1845

A 466885

LIVRARIA
ECLÉCTICA
C. do Combro, 58
Tel. 2 8663 — LISBOA



EMMA

OU

A ESPERANÇA E A TUMBA

COM AS

CARTAS DE SILVANO E LILIA

SEGUIDAS DE

OUTRAS POESIAS:

POR

Nuno Maria de Sousa Moura

TENENTE DE CAVALLARIA.

PORTO

TYPOGRAPHIA COMMERCIAL

Rua de Beilomonte n.º 57.

1845.

869.8
M9285
1845

63-342847

A

ANTONIO JOAQUIM DE SOUZA FREITAS JUNIOR.

EM TESTIMUNHO

D'AMIZADE E OBRIGAÇÃO

OFFERECE

SEU PRIMO

NUNO MARIA DE SOUSA MOURA.

EMMA

OU

A ESPERANÇA E A TUMBA.

A Verdade, a só unica Verdade
Soube inspirar-me o canto.
Verdade foi meu Nume; e até Verdade
Cantei em meus amores.

FIL. ELIS.

DUAS PALAVRAS DE DESAFOGO.

MOR que o coração me imbalaste no teu berço de rosas!.. Oh! porque não permittiste que fosse eterno esse dormir, affagado pelos sonhos mais felizes da minha vida!.. — Misero!.. Nada me resta da passada gloria... nada! nem sequer lembrança consoladora que me conforte o espirito cahido no deserto do existir! So desesperança e mágoas... — e mágoas que me correm uma a uma todas as fibras do coração, de que ás vezes se desprende um som triste e desfallecido, como o da harpa melancholica que exprime saudades — o meu gemer! — Amor!..

que, vieste fazer á terra, se o teu ceu tambem se cobre de nuvens carregadas, e lhe cruzam tufões e raios?!.. — Ai! quem é o louco que póde confiar em ti, se no esvair rapido de chymeras nos levas o coração d'incontro á pedra d'um sepulchro, gottejando soro de vida sobre a terra muda e fria?!.. Feliz o pincaro da serra que te não conhece, e a imagem inanimada do homem por cujos labios não roça a tua esponja de fel! Mas o que vive e tem coração?!.. Esse... fadoulhe penas quem lhe deu a necessidade do sentir! — Ah! sim: porisso eu ouvi gemer a rôla, solitaria sobre o esgalhado cume do carvalho! — pobre avesinha!.. depois de muito se carpir... so e desconsolada... cahiu morta d'estarrecida n'uns penhascos!..... Que ha-de ser, se nenhum conforto é conhecido na terra para aquelle que tem espinhos atravessados no coração! — espinhos agudissimos, como são os da incosta do sepulchro que se cravam n'alma ao abraçarmos a lage que nos esmaga todas as realidades e esperanças!.. Aqui é, so para o desventurado avisinhar-se do ceu, e reclinar a cabeça á sombra das azas dos Anjos do Senhor — unico porto seguro, contra as tempestades do mar que navegamos, e onde

não existe uma so ventura que não murche e se definhe debaixo da terra calcada d'uma cova!..

Impio! não chames hypocrisia aos pensamentos do soldado!.. são brados de consciencia que tem peccados, mas que crê em Deus. Não rias, impio! — e menos leves a tua injustiça a pôr-lhe na fronte o ferrete de fraco, so porque não é descrido, e tem um coração que verga ao pezo da Natureza — que elle ha-de escutar sempre na voz de = Patria! = Sim: foi por isto que o não acovardou já um talvez bem amargo e desconsolador —... ficar no chão do estrangeiro, onde não poderia ir o amor materno derramar uma lagryma sobre o cadaver do filho, estirado no campo das batalhas.

Se te molesto, passa, que haverá quem me leia — ao menos algum espirito innocente e gentil, como aquelle para quem temperei o meu alaude e que passou já por nossa terra, como um halito de primavera, imbalsamado pelas flores do prado. — Oh! que me não despreze elle!.. E tu? fica-te embora nas orgias do teu descrer.

San' Mamede de Madail
31 de Julho de 1843.

INVOCAÇÃO

U que os lenhos destemidos
Levas por mares irados,
Meiga estrella que presides
Ao gemer dos desgraçados!

Tu que no travar da p'leja,
Ante a bombarda que atroa,
Esforças, quando promettes
Ao soldado a laurea c'roa!

E nas escuras masmorras
Inspiras ledas canções,
Com que o reu tira vingança
De seus ferrenhos grilhões!

Tu, que ao pobre, e ao seu ventura,
Nò tranzir do moribundo,
Dizes ao Ceu apontando:
= Não tenhais pena do mundo. =

Oh deusa consoladora,
Das amarguras bonança,
Rainha deste Universo,
Affavel, meiga, Esperança!..

Ah! vem com teu manto verde,
Ao que suspira d'amores;
Pôr-lhe na fronte cabida
Algumas singellas flores.

Dizer-lhe que seus gemidos,
Sua constante amargura;
Hão-de ter condigno premio,
Carinho, affagos, ternura.

Ou então faze que passe;
Enganado o exilio seu,
'Té que diga n'hora extrema:
= La serás minha no Ceu. =

– Bem-vinda, socia querida!
Trazes o que te pedi? ..
Deixa-me ver essas flores,
Depressa... chega-te aqui.

Alegre vistoso ramo!..
Escolho...— Mui pouco acceito;
Não quero mais que um suspiro,
Este goivo e o amor-perfeito.

Ninguem me verá nas festas
A que os venturosos vão;
Um raminho de saudades
Me basta na solidão.

Agora n'esse teu manto
Dá-me refugio amigo;
Descansemos n'esta pedra,
Deusa! abraça-te commigo.

O CEGO

Filhas que d'ella tiveres
Ensina-as melhor que a mi,
Que se não percam por homens
Como me eu perdi por ti.

A.-Garrett. — Bern.-Francez.

— Lembrae-vos do pobrezinho
— Que a sua vista perdeu,
— Almas sanctas vos ajudem,
— E o Senhor vos dê o Ceu.

Abriu-se baixa janella,
— Vinha o sol então rompendo,
Vi uns cabellos dourados
Por alvo collo descendo.

Era Emma em desalinho,
Tam bella! .. — vinha do leito,
Dá co' os olhos no ceguinho,
Incosta á janella o peito.

= E's casado? = Não-senhora =.
= Vives só? = Por meus peccados. =
= Como passas os teus dias? =
= Por amarguras contados.

= Desposei = tinha vinte annos,
= A minha Elisa adorada,
= Inda então não era cego,
= Vivia da minha inxada.

= Deu-nos Deus uma filhinha,
= Foi ella a minha desgraça!..
= O que o Ceu quer não se muda
= Por muito que o homem faça. =

= Que vos fez? = Tirou-me um ôlho,
= Não por mal — eu bem o sei;
= Mas... — Depois, passados tempos,
= Do outro tambem ceguei!

= Cahiu na cama sem falla
= Minha sancta companheira!
= Desgraçada... em tanta mingua,
= So co'um cego á cabeceira!

Deu no fim de cinco dias
A alma a quem a creou!..
Perdoae.... callo commigo
O mais que então se passou!

Commoções de dor intensa
As faces lhe contrahiram,
Enrugou a fronte calva,
Suas lagrymas cahiram.

Boa filha na desgraça
Deve a seu pae consolar...
Essa!.. — Olhos do triste cego,
So lhe servís p'ra chorar!

Não tenho por mim ninguem,
E' so minha a escuridão,
Companheira eterna, unica...
E' verdade, e este cão.

Conduz-me de porta em porta,
A' noite dorme a meu lado,
— Como late a festejar-vos!..
— Acommoda-te, coitado.

Tem muito tino o brutinho,
Dá saltos e põe-se em pé,
Fallar somente lhe falta,
— Dizem que é côr de café.

Lindo cão! Porem contae-me:
Foi vossa filha servir?
Quereis a negra deshonra
Da bôca d'um pae ouvir?!.

Sabei pois que, seduzida
Por tentações do peccado,
Trocou paternas caricias
Por maus trattos d'um soldado!

Agora buscae no mundo
Pezares iguaes aos meus...
Pobre!..cego!..deshonrado!..
Oh! bem-ditto seja Deus!

Ao cajado incosta a fronte,
Entra de novo a chorar!
Emma! Emma! que fizeste?!
Foste-lhe mágoas lembrar!

Arreigam n'alma os segredos,
São d'ella, guarda-los deve;
Tu sem dó foste rasgar-lhe
O peito co' a mão de neve!

— Mas ella sai, aproxima-se,
Com amor e compaixão
Enxuga-lhe as cans da barba,
Pede-lhe depois perdão.

Com palavras de conforto
O reanima e consola;
Soluça... nem fallar póde...
Despede-o, dando-lhe a esmola.

= Macias são vossas mãos,
= A voz suave e cadente,
= Sinto-vos arfar o peito!..
= Sois donzellinha innocente.

= Não vos deixeis illudir
= Por inredos de ninguem,
= Penas e arrependimento
= Traz o mal, mas tarde vem.

= Quanto agrada ao coração
= Quasi sempre acreditais!..
= Antes morrer sem deshonra
= Que comprar vida com ais.

= No demonio que vos tenta,
= Oh! quanto crédulas sois!
= Quem pertende, não vos ama,
= E ha-de amar-vos depois?!

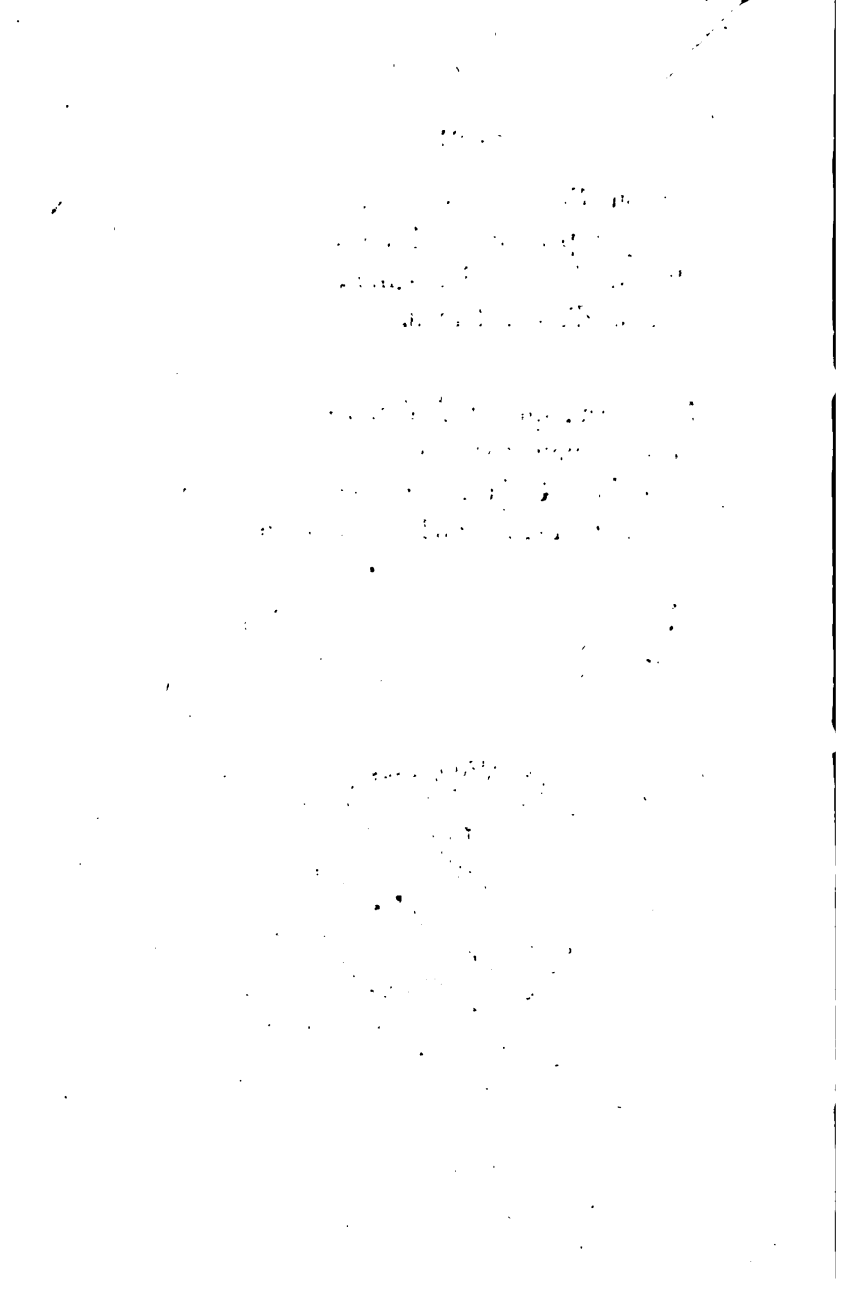
= Se o mundo o crime descobre,
= Aponta, escarnece e ri...
= Não o sabe? E's desprezivel
= A teu socio, a Deus e a ti!

= Ficae na paz do Senhor,
= Não esqueçais meu conselho,
= Quando amor queira perder-vos
= Lembrae o que disse o velho.

= — Vamos la, Polido, vamos. =
Puxou a guita o cãozinho;
Principia o Padre-Nosso,
Rezando vai seu caminho.

Entrou Emma para casa,
No que pensando sei eu...
Que devia abandonar-me,
Siladas d'amor temeu.

Descansa, querida, é puro
Sincero meu coração;
Quando astucia me conheças,
Despreza-me... ah! foge então.



Sustenta meu viver huma esperança
Derivada de hum bem tam desejado,
Que quando nella estou mais confiado,
Mór duvida me põe qualquer mudança.
CAM.-SONET. c. LXXXVIII.

No sol posto um surrir d'ella,
Como aurora, despontou,
Inda ha pouco os meigos olhos
Muda nos meus impregou.

Agora co' a mão na testa,
A vista crava no chão!..
Qu' ideas ou que segredos
Pela alma turvos lhe vão?!

Meditará que não deve
Ser no amar excessiva?!
Tenta quebrar as cadeas,
Ja lhe pesa estar cativa?!

Ah! sim: desprenda-se embora
Para brandir o punhal
Que me evapore do peito
Sôpro de vida fatal!

Que sería ésta existencia,
Despresada e sem amores?
Deserto, praia, ou rochedo,
Ermo sem verdura e flores!

Depois de tanta ventura
Se me visse desgraçado,
Fôra qual anjo celeste,
Nos abysmos despenhado!

Porem que mal te fiz eu,
Oh! dize em que te offendi?
Passar as noites velando?
Suspirar, morrer por ti?!

Não vives sempre commigo
Como a vide ao tronco prêsa?
Tenho eu, se te não vejo,
Mais que desgosto e tristeza?!

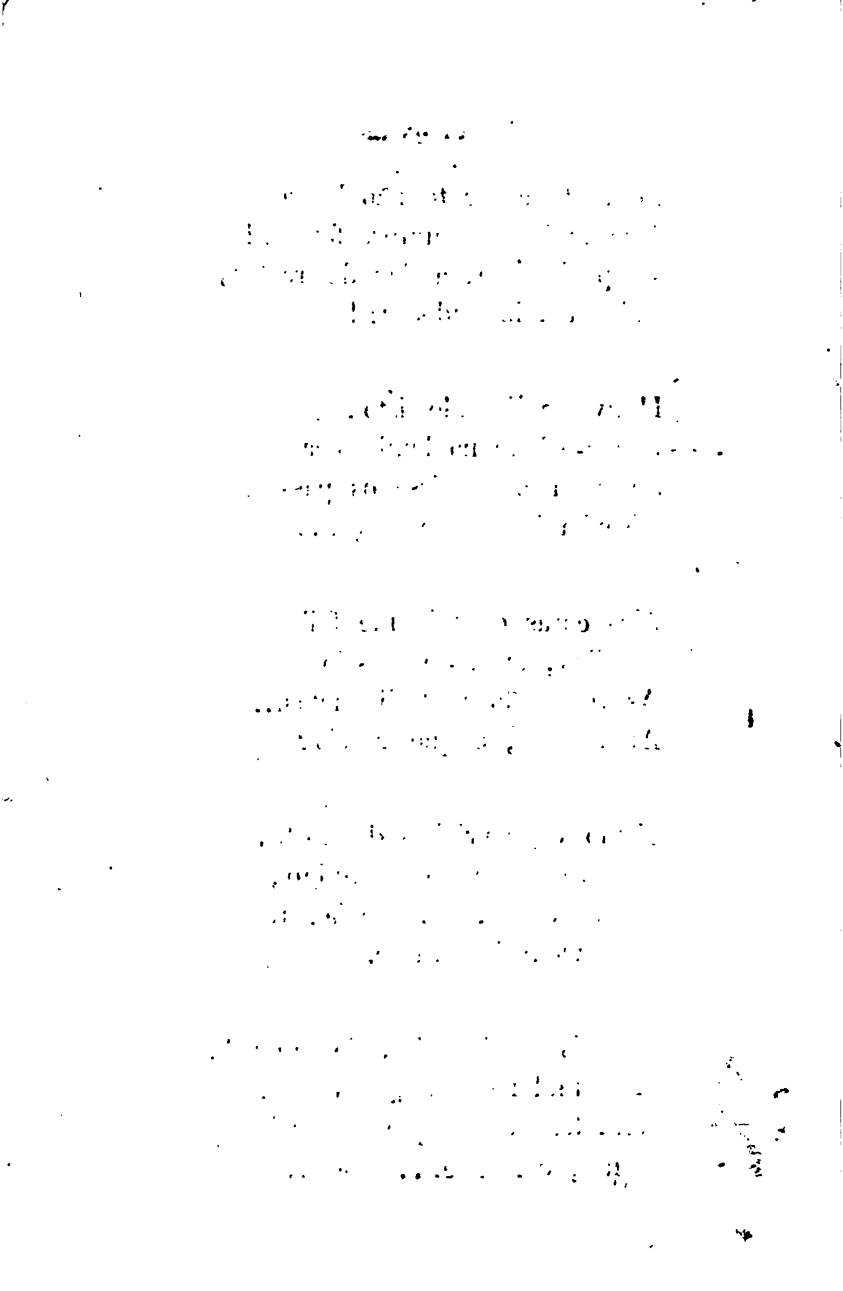
Se tanto amor te não basta,
Que mais me cumpre fazer?!
Despenhar-me, andar de rastos,
Infermar, indoudecer?!

Houveras já tudo isto,
— Grava-o bem na lembrança,
Se me não seguisse os passos,
Risonha luz d'esperança...

Mas coras quando me fallas,
Vacillas, treme-te o seio,
As vozes são mal distinctas...
Adoras-me, e que receio?

Temo os caprichos da sorte,
Sempre tam crua commigo,
E que amor, constancia, tudo,
Seja voluvel comtigo.

Mas és pomba, és anjo amavel,
Meu mal não has-de querer,
Nem tens alma que me ordene
Amar, carpir e... morrer.



A NOITE DOS FINADOS

Porem a noite delles
Não era a que passava!
Na eternidade a sua
Corria, e não findava.

HARP. DO CRENT.

NENHUM vivente me cerca,
So o silencio me assiste...
Ja quasi toca o horisonte
A lua pallida e triste!

Nem parece que murmura
Esta crystalina veia!..
Não ouço os pios do mochó,
Nem o rouxinol gorgeia!..

Morreu toda a Natureza!
No mundo só vivo eu!
Tambem ao leito do tumulo
A gentil Emma desceu?!

E' certo que os meigos olhos
Que tanto me enterneceram,
Para sempre se apagaram,
A luz da vida perderam?!.

Onde estás doce despojo,
Do tam doce incanto meu?..
— Deixou-me so sobre a terra!..
Deixou-me vivo e morreu!..

Irei buscar seu cadaver,
Da fria campa arranca-lo;
Uni-lo ao peito, aquece-lo,
Entre soluços beija-lo.

Se vier o nume avaro
Sua preza reclamar,
Irei com ella ao sepulchro,
Sem que m'a torne a roubar.

— Que voz medonha e terrivel
Funesto despertador!..
Os cabellos se me eriçam...
Tremem-me as carnes d'horror!...

— De tam fero sobresalto,
Socega o meu coração;
Conheço o sino do templo,
Que convida á Oração.

Assim n'um delirio estranho,
Despresador da verdade,
Velando sonhava espectros
De negra fatalidade!

Enfadas?. Não: lisongeas,
Pregoeiro sepulchral!
Que outro prazer quer um triste,
Do que lucto universal?!

Quanto é solemne teu brado,
Trombeta da Eternidade!
Pedes o pranto dos vivos
Sobre o pó da igualdade.

Suscitas n'alma do impio
Tyrannas recordações,
Dás o punhal do tormento
Ao algoz dos corações!

Repete o echo do valle
Os teus lugubres signaes...
Para a lucta d'amargura
Dás o alarma aos mortaes!

— Noite dos fieis defunctos!..
Quem poderá repousar?
Onde existem olhos d'homem,
Que tu não vejas chorar?!

O desvalido orphãozinho,
Em penuria desabrida,
Lamenta o pae extremoso
Que lhe dava o pão da vida!

O assassino mal-ditto
Estremece de pavor,
E sente os golpes que dera,
Ébrio de sangue e furor!..

Julga vê-lo em torno ao leito
Essa que o esposo perdeu!..
— Anda ca. — Ninguem responde;
Aos seus queixumes volveu:

— Correi, minhas tristes lagrymas,
— Sobre estes negros tecidos...
— Perdi tudo!.. — N'isto exhala
Mil dolorosos gemidos.

Do que matou a consorte,
A vãos ciumes sujeito,
São tantas as badaladas,
Quantas as ancias no peito!

— Que formidaveis ideas
Sinto na mente brotar!
Tantos milhões dos que vivem,
A terra deve tragar!

Tambem tu, ente mimoso,
Deves um dia morrer?!.
E não podem nossos fados
Tam dura lei inverter?!.

Sem a aurora dos teus olhos
Tudo será solidão,
Como ésta em que ora exhalo
Tantos gemidos em vão.

Queira o Ceu que n'essa hora,
— Terrivel marco da vida!
Os meus olhos já não possam
Dar-te eterna despedida.

Oxalá que então me alvergue
No luctuoso retiro,
Onde não vai d'agonia
O derradeiro suspiro:

E meu coração não sintà
Esse golpe despiedado,
Onde desgraças do mundo
Ninguem fazem desgraçado.

— És mais negro que ésta noite,
Pesaroso recordar!
Por piedade me deixa
Um momento repousar.

DOUS INFELIZES

Ah tu folgas sem mim! sem ti eu gemo,
Qual a viuva, solitaria, rôla,
Com sons carpidos apiedando as selvas!...
BOCAG.

Não murmurava a folhagem,
Dormia todo o Universo,
So meu coração velava,
No horror das trevas sobmerso!

Co'os olhos postos no Ceu,
Dado a tristes pensamentos,
Comparava os dias d'hoje
Co'os ja gozados momentos,

Comparava a madrugada
Dos olhos da minha bella
Com estas escuras noites
Que passo distante d'ella!

Recordava o mimo e a graça
De seu riso incantador...
— Eis ouço vir d'entre os ramos
Um som meigo e carpidor!...

Foi avesinha mimosa,
Que amargurada gemeu!
" Anda ca, triste! " — lhe digo,
" Juncta teu pranto ao meu.

Não temas hervada setta,
Nem o chumbo matador,
São sensiveis por essencia
Peitos em que impera amor.

Ausentou-se-te a consorte,
Oh! dize, amante plumoso?..
Roubou-t'a rapaz travesso?..
Mal haja o laço inganoso!

Porem que fazes gemendo,
Se é sem cura o teu mal?
Zomba d'amargos lamentos
A tua sorte fatal.

Que o pranto não chama os risos,
A minha desgraçada o diz,
A vida passo chorando,
E não passo d'infeliz!

De balde nos cansaremos
D'acerbas penas carpir,
A nossa ventura existe
Em deixarmos d'existir."

O CASTELLO DA FEIRA

Roto em cem partes o famoso muro,
Que soberbo a cingia...
Qual viuva miserrima se via
A magestosa Dio!..

DINIZ-DA-CRUZ. — PIND.

SALVE, soberbo gigante,
D'annosas heras cingido,
Que affrontando a eternidade,
Tens aos sec'los resistido!

Oh solitario do monte,
Que sabes as tradicções,
Narra-me as guerras contínuas
Das extinctas gerações!

Dize-me de que serviram
Estes baixos corredores?
Aqui girou tua vida,
As armas e os p'lejadores!

Tambem por éstas arterias
Que tam vasias estão,
Morte na ponta da lança
Te calou ao coração.

Este poço quadrilongo...
Quem lhe descia as escadas?
E p'ra quê? — D'elle so contam
Incantamentos e fadas!

Dizem que no fundo escuro
Habitam mouras formosas
Que veem assoalhar thesouros
So em manhans milagrosas!

— A bôca d'uma cisterna
Vê-se alli no pavimento!..
De terra e pedras a encheram
A perversidade e o vento!

— Um pagode la no alto!..
Aqui teve adoradores
Falso deus *allah* chamado
Dos antigos moradores.

Quantas vezes — desgraçados!
Cheios de sangue e poeira,
Alli pozeram tremendo
Sua esp'rança derradeira!

Quantas aqui escutaram
Os ferrolhados portões
Dos de fóra a grita horrivel,
Dos de dentro as orações!

— Sempre nos apertos d'alma,
Quando a esp'rança feneceu,
Seja qual fôr sua crença,
Confia o homem no Ceu.

— O Senhor d'este castello,
E suas cativas bellas,
Habitaram la no alto,
Onde estão as tres janellas.

A do sul inda tem grade,
E dois assentos tambem!..
— Que scenas alli passadas
A' phantasia me veem!

Esteve nobre guerreiro
A'quella grade assentado,
Seus olhos erão dois astros
Em horisonte azulado!

Negras barbas lhe pousavam
Spessas no peito descrente;
Tinha alem dependurada
A cimitarra luzente.

Juncto d'elle uma beldade...
Oh! que ademan nunca visto!
—Não lhe chamáramos anjo,
Porque não era de Christo!

D'ingratidões e desprezos
Amargas queixas fazia,
Com desdem o mouro astuto
Pouco ou nada respondia.

Se podesses amar outro!..
Tu fôras mais adorada;
Mas que farás p'ra vingar-te?
—És uma escrava, coitada.

Porque havia entre as cativas
Uma ditosa rival,
Quantos ais favonio meigo
Levou ás flores do val!

Quando o rei prefere aquella,
E as lindas faces lhe beija,
Ciumes as despedaçam,
Ardem as outras d'inveja.

—Póde a força d'um tyranno
Dar a morte, escravidão;
Mas alfanges e cadeas
Não mudam o coração.

Nasceu livre em seus desejos,
Ama, odeia como quer;
—E' só ésta a faculdade
Que inda conservas, mulher!

Para nós a mais terrivel
Que te deu a Natureza!..
—Faz-nos gemer co'a verdade,
Ou nos mata co'a incerteza!

—Uma porta aqui!.. Entramos;
Escadas de caracol!
Pelas esguias setteiras
Cruzam-se os raios do sol.

Onde irá? Eia, subamos:
Estes degraus que recordam?
Saudades d'antigos tempos
Soturnos echos acordam!

São elles os moradores,
Que só o ferro poupou,
Que, estranhos a dynastias,
Ninguem d'aqui expulsou.

Ouvi-los bradar da torre,
Quem vai subindo dirá,
Que elles são os atalayas
Que perguntam — Quem vem lá? —

Robram vozes confusas,
Como quem quer pelejar!
Suspendo... — Callam-se todos,
Quasi póstos a escutar!

— Outra porta! Um passo avante,
Eis o espaçoso cirado!
Uma torre em cada canto,
D'altas ameias cercado!

Aqui a lua brilhante,
Como alampada nos ares,
Presidira em noites breves
A's folias e cantares.

E das pontagudas torres,
Nos estreitados postigos,
Se acclamarem as victorias
Se espreitavam os perigos!

Quando da Cruz os soldados,
Nos extremos embaraços,
Forçando o gigante á morte,
Estavão com elle a braços;

D'aqui mortiferas armas
Lhes erão arremessadas,
Settas, lanças e viretes!..
D'aqui chovião pedradas!

Horrenda grita soava
N'esse brigar furibundo!...
Tinnir d'armas!... Hoje em torno
Reina silencio profundo!...

Apenas de longe em longe
Se ouvem golpes d'inxada,
Qu'em baixo corta e revolve
Terra com sangue amassada!

— As ameas que aqui faltam,
P'ra que forão derribadas?
Para escarneo do passado,
Alem remendam calçadas!

D'este livro venerando
Folhas impios arrancaram!
Como o livro era do povo
Sob os pés lh'as collocaram!

Afastae-vos todos d'ellas,
Nem ouseis chegar-lhe' as mãos,
São essas manchas que vedes,
Sangue de nossos irmãos!

Quantos n'ellas abraçados;
Co' o peito roto e ferido,
Proferiram = Jesus-Christo! =
E o martyrio foi cumprido?!.

— Oh quando os perversos forem
Nos sepulchros incerrados,
Sejão aos cães em desprêzo
Seus ossos arremeçados!

— Querida, não te horrorises
Com a minha imprecação,
Dê-se aos vandalos do seculo
A mais severa licção.

Sem ella serão em breve
Nossos templos arrasados,
Os mortos escarnecidos,
Os Sanctos despedaçados!

Não sigas o seu exemplo,
Abraça-te á devoção,
Perde a alma co'a modestia
Mulher sem Religião!..

Fica vil e desprezivel,
Como a estatua sem verniz,
Nas acções oh que torpeza!
E as blasfemias que diz!

Não sigas o seu exemplo,
Abraça-te á devoção,
So assim serás amavel,
Anjo do meu coração.

UMA NOITE D'AUSENCIA

Filhos de amor e da noite,
Ligeiros sonhos, voai,
E o que se passa em minh' alma,
A' su'alma apresentai.

CASTILH. — NOVISS. HELOI.

N'ESTA hora em que dominam
Silencio e melancholia,
Vamos ver a incantadora,
Solitaria phantasia.

Sabes o lugar, voemos:
Aqui é! — seus passos sentes?
Nenhum rumor. Que faz ella?
Oh! dize, não me atormentes.

Debruçada sobre o leito,
Que docemente respira!..
Entregue a seus pensamentos,
De vez em quando suspira!

E porquê? so ella o sabe;
Mas se' adora, e vive ausente,
São raladoras saudades,
A dor que su' alma sente.

Não te fallar, não te ver,
Motivam sua tristeza;
Póde agradar-te outra bella,
E' seu verdugo a incerteza!..

— Tambem me ancea não vê-la,
Mas que eu seja desleal!..
E' suppor que Deus creasse
Um semblante ao d'ella igual!

Dize-lhe que não suspire,
So para amá-la é que vivo,
Dá-lhe dos futuros gozos,
Ao seu pezar lenitivo.

Pinta-lhe do f'liz consorcio
O quadro incantador,
Com suas meigas verdades
Vistas nó prisma d'amor.

Assentada em meus joelhos,
Ao collo o braço lançado,
Avaros nos pagaremos
Dos tormentos do passado.

Nas manhans da primavera,
Depois do sol despontar,
Pelas margens do ribeiro
Iremos sós passear.

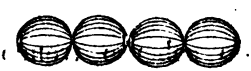
Dir-lhe-hei d'acerba ausencia
Muitas amargas verdades...
Quantos ais aqui perdidos...
Quantas profundas saudades!..

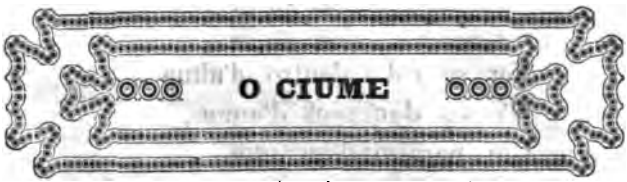
Juncto do soberbo tronco
Em que seu nome gravei,
Hei-de mostrar-lhe a roseira
Que ao nosso amor consagrei.

— Falla, dize o que te peço,
Oh minha socia cruel!..
Não tens lingua que articule,
És muda, so tens pincel.

Bosquejas, como te apraz,
E retratas a sabor,
Inspirações da ventura,
Ou visagens do terror!

És so minha, ella tem outra,
E quem sabe o que lhe diz?..
Se viverei sempre triste,
Se um dia serei feliz?!.





De quem me devo queixar?
De vós que podéra ser,
Não vos sabe alma culpar,
Fica somente o soffrer,
Se mais fica é suspirar.

SA-DE-MIRAND.

Que logar ermo e tristonho!..
— Ao desespêro m' é grato!
D'este lado uma pedreira!..
Do outro silvas e mato!..

Em baixo lá sobre fragas
Se precipita a corrente,
Ferve, pula, atroa os montes,
Corre depois mansamente!

Aqui n'este chão, aqui...
O corpo quero estirar;
Co' as pedras, cachões, com tudo,
Minhas paixões combinar!

Ver se cabe dentro d'alma,
N'esses dominios d'amor,
Um paraiso d'incantos,
Apar inferno de dor!

Cabe sim, que essa mistura
A vida horrivel me faz,
Houve tempo em que fui anjo,
E hoje... sou satanaz!

Aquelles olhos tam lindos
Que o coração me affagaram,
Traiçoeiros me fugiram,
Meigos n'outro s'impregaram!..

E elle corou surrindo
Com a suave impressão!..
— Desmaei, tolheu-me todo,
Furia, desesperação!..

Repetiu-se a fatal vista
Duas, tres e vezes cem,
Cuidou que inganava a todos,
Que não a intendia ninguem!..

Perfida! illudir quem ama!
— Baldados loucos intentos!
Quem te adora, entra-te n'alma;
Vai-te ler os pensamentos!

Fitaste-me astuciosa
Com desdem e timidez,
Viste-me fogo nos olhos,
E no rosto a palidez!..

Tiveste dó? que fizeste?
Não te mer'ci compaixão!
Gottejou-me novo sangue
Das fibras do coração!

Malvada! verdugo! monstro!
— Deus te dê castigo eterno,
Dores como as que pungem
Ca e Lá tremendo inferno!

Ficarei assim vingado?
Certo não, que firme crelo —
Não ser cura de tormentos
O pranto do mal alheio.

Então que rogar me cumpre
Para zombar do meu fado?
Que fujas d'este universo,
Morre, ficarei vingado!

Esse traidor coração
Não terá novos desejos,
Nem poderão os teus labios
Receber ou pagar beijos!

Ao ver um rival feliz
Que minhas ancias apura,
Perguntar-lhe-hei surrindo:
Onde está tua ventura?

Vai cingir-lhe ao niveo collo
Os braços, chamar-lhe tua,
Aperta-la ao peito infame,
Unir essa bôca á sua!

Vai gozar os mil incantos
—Thesouros d'amor sagrados..
Que nem tocaram de longe
Meus pensamentos ousados!

Verás corrupção e peste
Todo esse corpo exhalar,
Os vermes comem-lhe a carne...
Oh! morte a quem a tocar!

— Mas ella vive, e o malvado
E' quem póde escarnecer-me,
Cuspir-me a sombra, calca-la,
Por entre dentes dizer-me:

Roe-te, brama, vil insecto,
Venturas não são p'ra ti,
Somente foste ditoso
Em quanto eu a não vi.

Agora mimos, affagos,
Quem os goza? oh! eu, só eu,
Faces, risos, meigas fallas,
Olhos, seio, é tudo meu!

— Sim, oh monstro, sim... mas calla-te...
Que eu te não ouça, nem veja...
A' luz do sol que vai pôr-se
Mordo o ferro que lampeja!..

O sangue as veias me escalda!
E' meu bafo queimador!
Torço-me!.. arquejo!.. rebento!..
— 'Stou no inferno ou é furor?!.

Vou nos cachões mergulhar-me...
'Té os cabellos... alli....
Oh! e ja... mas a pedreira!
Posso arrojar-me d'aqui.

Quem sabe se haverei cura?
Nem agua, nem gelo, não...
Só teria refrigerio
N'uma fornalha, ou vulcão!..

— E porque tantos horrores,
Tanta furia e padecer?
Ella adora-me... inganei-me!..
Ah! sim, podéra bem ser.

No amar firme, excessivo,
Quando a ventura é maior,
Redobram nossos receios,
Pensamos sempre o peior.

Olhar uma vez aquelle,
Outras este... isso que tem?
Amor é rocha, não cede
Ás ondas que vão e vem.

Por pouco somos zelosos,
É-nos commum a fraqueza,
Indulgencia a nós e a ellas,
Culpemos a Natureza.

— Emma, vou dar-te um beijo
N'esse collo de marfim,
Pedir-te que d'ora avante
Olhes somente p'ra mim.

Sei que farás chorando
O juramento pedido,
Uma, duas e mil vezes,
Mas cumpri-lo-has? — Duvído.

N'um só impregar extremos
Costumam fieis as bellas,
Mas lealdade nos olhos?..
— Oh! não está nas mãos d'ellas.

Olhar [illegible] aquelle,
[illegible]
[illegible]
[illegible]

[illegible] somos [illegible]
E nos commum a [illegible]
Intulgencia a nós e a [illegible]
Culpemos a Natureza.

— Emma, vem dar-te um beijo
Nesse collo de marim,
Pedir-te que [illegible] avante
Olhos somente [illegible] mim.

Sei que [illegible] chorando
O [illegible] pedido,
[illegible], duas e mil vezes.
[illegible] cumpri-lo-has! — Duvido.

Vinha só [illegible]
Costumam fieis as bellas,
Mas lealdade nos olhos!..
— Oh! não está nas mãos d'ellas.

O SECULO

Quoniam iniquitatem meam ego cognosco, et peccatum meum contra me est semper.

PSALM. 50.

TROA o sino do Mosteiro
Em compassado vai-vem,
Como que exprime queixoso
As amarguras que tem!

Ate parece que estranha
A que o move occulta mão!
— Quantas profundas saudades
Nos traz elle ao coração!..

Os Canticos, a voz do orgão,
As cellas tam habitadas!..
O povo que aqui gyrava
Por estas ermas escadas!...

Ah! que n'esse carpir funebre
Grito horrivel se mistura,
E sobe aos degraus do Eterno
Accusar a creatura!..

Que perto d'elle na terra
Folga do seu crime e ri!
Nem sente a carga oppressora
Das maldições sobre si!

E ellas negras a rodeam
Em desesperança e lucto,
Como carnivoras gralhas
Sobre um cadaver corrupto!

So por que a dextra sangrenta
Lavrou decreto de morte,
E contra humildes e pios
Se erguéra a espada do forte!

Porisso livre nos ares
Cruza o raio! — ai dos que sós
Ficamos tam peccadores!
— Ninguem pede a Deus por nós!

Do rebanho extraviado,
Sem guia da san doutrina,
O povo julga a verdade
N'esses erros que imagina!

Ouvindo paixões nefandas,
Nega existencia ao Eterno,
Como vaga espedaçada,
Bate aos portaes do inferno!..

— Impio! tiveste a culpa
Os justos apedrejaste,
E das turbas pervertidas
Os escarneos provocaste!..

No impurrão que lhes déste
Por' estas longas escadas,
Ouviste ais de moribundos
Entre infernaes gargalhadas!..

E o brando lume da fé
Que o sancto zelo ateou,
N'esse momento mal-ditto
Um rijo sopro apagou!..

— Quem és tu, nefando séc'lo?!.
Gigante horrendo e voraz!..
Gottejando sangue e lagrymas
Vai-lhe a tunica que traz!

Marchando por entre sombras
O precede frouxa luz!..
La se esbarrou nos rochedos
Por se desviar da Cruz!..

E co' a face a despegar-se,
Denegrida e macerada,
Alardeando sciencia,
Vai dos tempos na jornada!..

E da pestilente bôca
Sai-lhe torrente d'ameaças,
Em cada voz um peccado,
N'um peccado mil desgraças!..

Oh seculo!.. — eu te conjuro,
Porque és tam impio me diz?
Este Mosteiro está ermo,
E não te julgas feliz?!

Ja não vês negra montalha
Que invenene o folgar teu,
E diga muda ás orgías;
— Filhos, lembrae-vos do Ceu!—

Não és ditoso?! Ah! tyranno,
Pésam-te infames peccados...
Impio, algoz, assassinaste
Humildes ao Ceu votados!..

E porque? seus tristes dias
Não os passavam a orar?
Longas noites em cilicios,
No templo sancto a velar?!..

Entre fragas solitarias,
E d'aquella serra ao fundo,
O mundo não lhes morréra,
Não erão mortos p'ra o mundo?!

— Corrompeu-lhe'as pobres almas
O demonio auctor do mal,
Erão ja bastardos filhos
De Cister e Claraval!..

Oh! sim: tiveram peccados
Horriveis no Sacerdote,
Ambições, odios, vinganças,
E pensamentos de morte!..

Fizeram praça dos templos,
Incitando o povo á guerra;
Co' o pavilhão da discordia
Cruzaram por nossa terra!..

E se o valor afrouxava
Um brado do coração,
Em nome de Deus mandavam
Que o irmão matasse o irmão!..

Que desejava ser livre,
Restaurar o que era seu,
Ventura, paz e justiça,
Que a tyrannia tolheu!..

E o povo fanatisado
Por seus despotas sagrados,
Arremetteu, como tigre,
A' lide soltando brados!

E Deus que la pelejava,
— Mas dos livres em favor,
Fez com que a terra mordessem
Os escravos e o Senhor!..

E um raio despedido
Da dextra do poderoso,
Passou por estas arcadas,
Forte, horrendo e temeroso!..

Por que o gemer d'orphãosinhos
Ao Ceu fizeram subir,
Cahiu-lhes Justiça-Eterna,
Deus assim os quiz punir!

Porisso nocturnas aves
N'éstas cellas succederam,
E no coro desprezados,
Os orgãos immudeceram!

— Ah! que expressão de verdade
Escuto na voz interna,
Que me diz: Curva-te, oh homem,
Adora a Justiça-Eterna!..

E eu no templo prostrado,
Uno a face co' os degráus...
— Mas os justos que existiam
Na congregação dos máus?!.

O que nos conselhos impios
Não foi ouvido, nem visto,
E passava inteira a vida
Aos pés de Jesus-Christo?!.

Esse... — ai triste! a nós sumido,
Quasi esqueleto myrrado...
Pede a Deus misericordia
No duro chão estirado!..

Tanta nudez, tanta mingua!..
— Oh! mal haja a iniquidade!
Inferno, sorve o tyranno,
Que abusa da liberdade!

D'este crime, infeliz Patria,
Vais-te ao barathro profundo,
Abusas da Liberdade,
Teu castigo é n'este mundo!..

Ferrenhos, vis, inimigos
Escarnecem do teu mal,
Dos labios negros da fome
Soltam surriso infernal.

Patria... Patria... — desgraçada!
Para que o berço me déste?
Ao que é d'Asia que lhe importa
Este anathema celeste?

— Mas que digo!... se outro berço
Me outhorgasse o meu destino,
Não veria o que aqui vejo,
Emma, o teu rosto divino.

Folguem na sua opulencia
Os ditosos d'Asia ardente,
Vale mais que seus thesouros
Minha estrella do Occidente.

Opprime, persegue embora,
Mundo, de ti não preciso,
Amor, esp'ranças, são minhas,
Vivo no meu paraiso.

UM SONHO

Do que este sentimento
A' vida tem custado
Testemunhas serão meus vãos gemidos,
Tambem o surdo vento
... .
Estes montes tam verdes e sobidos;
E amor que anda comigo,
A quem meu dano, e meus cuidados digo.

FRANC. ROD-LOBO. Egl. IX.

SUAVE e macia
D'aquellas nogueiras vem!
Canta o melro solitario
Nos sabugueiros d'alem!

A lua fendendo branda
Dos choupos esguios cumes,
Estampa no chão pardento
Incertos, magicos, lumes!

Susurrando entre canniços
Vai esta fonte a correr;
Alli perto vagarosa
Sinto uma nora ranger!

Noite de Junho!.. — Uma hora
A torre me fez ouvir!
Terra e ceu convida ao somno,
— Ah! se eu podesse dormir!

Se qual foi meu ser volvesse
Aos dias d'alva innocencia,
Quando só brutavam flores
N'este prado da existencia!

Quando no collo ou no berço
A mãe beijava o filhinho,
E m' alegravam cantigas,
Uma rela, um passarinho!

Então ao cerrar da noite,
Fatigado de brincar,
Dormíra sem ter cuidados
P'ra de manhan despertar.

Mas esses dias murcharam,
Cahiram, ei-los em pó!
Fiquei arbusto silvestre
Com meus espinhos e só!

Os tufões me despojaram
De toda a folha e verdor,
Alma e vida d'este corpo,
Tudo me roubou amor!

Ja viste formosa estatua?
Cingem-n'a heras aos centos!
O jaspe figura Emma,
As heras meus pensamentos.

No amar e abborrecer
E' soberana a vontade,
Em mim governa o destino
Que me tolhe a liberdade.

Embora: vivo contente
N'este jardim d'illusões,
Tenho uma cama de murta,
São de rosas meus grilhões.

— Pouco a pouco cerro os olhos,
Tudo em roda escureceu,
Callou-se o ranger da nora,
A corrente immudeceu.

Senti... apérto nos braços
Um anjo; dou-lhe mil beijos...
— Ate dormindo la vela
O homem co' os seus desejos!

Minha filha — ia dizer-lhe —
Surriu-se, e foge veloz!
— Ai de ti! — sombria, rouca,
Ulula medonha voz!..

Involto n'alva mortalha,
Vejo um vulto ao pé de mim!..
Perguntei-lhe — Vens da campa? —
Respondeu irado — sim. —

— Não pódes estar no mundo;
— Vida e morte não se iguala:
— Que queres pois, que pertendes?
— Prosegue, phantasma! Falla!.. —

— E tu quem és, orgulhoso?
— Spectro, sombra tambem;
— É do sepulchro, é da morte,
— O corpo que alma não tem.

= Folgas de rir? = Não conheço
= Descanso, nem alegria! =
= Foges da luz? = Oh se fujo!..
= Amo a noite, odeio o dia! =

= Olhos pisados e fundos!..
= Macilento e descorado!..
= Carrancudo!.. andar incerto!..
= — És phantasma, desgraçado! =

= Um morto ninguem abraça,
= Eu gózo d'ésta ventura! =
= Paga-la queres? = Desejo. =
= Breve la na sepultura... =

Voou-lhe da negra bôca
Feio, ironico, surriso!
= Duvídas? Segue-me os passos, =
— Sobresalto e me horroriso!

Travando das longas roupas
Ao conductor vagaroso,
Incetamos o caminho
Do meu retiro ditoso.

Cerca dos altos negrilhos
Que á porta sombra lhe dão,
Ouviu-se gemer d'afflictos,
Vozes de consternação!..

Vergou-me o corpo na terra,
Fulminado de terror!..
Mordi o pó... revolvi-me
Em agonia e tremor!..

Deram-me cruel imbate
No cer'bro fervente e louco
Esses ais que estava ouvindo!..
As ameaças d'ha pouco!..

— Subvenite!.. — Voz tremenda
Leva ao longe a viração!..
Homens vestidos de lucto,
Com longas tochas na mão!..

Cabisbaixo e a passos lentos
Vem sahindo um sacerdote!..
Apoz elle um caixão negro!..
Dentro a victima da morte!..

Quem será? — Oh Ceus! é ella!..
Quatro lustros só viveu!
Era flor mimosa e bella,
Como flor murchou, morreu!..

E hei de eu ficar no mundo!
Phantasma, rasga-me o peito,
Leva-me depois de rastos
Ás regiões do teu leito.

— A dextra longa e myrrada
Dos cabellos me travou,
Dentes, ossos, lhe rangiam...
Traz a tumba me levou!

Entramos o templo sancto,
Vi so larvas e visages!..
O ataude na eça!..
Eu estirado nas lages!...

E o resoar pavoroso
Dos psalmos e rogações,
Ia perder-se dos campos
Nas geladas solidões!

Terminada breve pausa,
Disse uma voz d'amargura:
" *Os meus dias se abreviam*,
Só me resta a sepultura !.."

Mais depois silencio longo...
A cerimonia deu fim:
Sinto uma inxada roçando
Lançar terra sobre mim!....

— Feriu-me a luz d'um corisco,
Ao trovejar despertei,
E que fôra tudo sonho
Alegre, querida, achei.

Deixo os agouros ás velhas,
Em superstições não creio,
Mas alguns sonhos não mentem,
Emma!... — Não sei que receio.

A CRUZ NEGRA

Júdica me, Domine; secúndum justitiam meam et secúndum innocentiam meam super me.

PSALM. 7.

ONDE estás rôla da selva?
— Oh qu' é d'ella? — Immudeceu!..
Emma?.. Emma? .. — Não responde!..
Ai de mim! — Pomba?.. — Morreu!..

Parece-me ouvir gemidos..
Sinto tremer este chão!..
Talvez... sim, é esta a campa,
Que m'o diz o coração!

Os cabellos se me eriçam!..
Cobre-me frio suor!..
Ha mysterios na minh' alma,
— Fallam de morte e d'amor!..

Aquelle corpo celeste
Qu' eu louco disse immortal,
Curvou-se, cahiu na terra,
Cobre-o pedra sepulchral!...

Tantos sonhos lisongeiros,
Tantas suaves visões!..
— Minha dita! Dissipou-as
O Deus que move os trovões!

D'antes senhores e damas,
Agora nem uma luz!
Quanto existe aqui com ella,
E' so ésta negra Cruz!

Brando leito a convidára
A dormir somno d'amor,
Trocou tudo pela terra,
P'ra repousar no Senhor!

— Que nada o mundo lhe dera
De permanente ventura,
Um sorriso sem gemidos
Um prazer sem amargura!

Tudo fumo, tudo nada!
— Quando muito sonho vão!
Ou tudo fel e veneno!
Tudo mágua e perdição!..

Vós que só pensais na vida,
Pela ventura affagada,
E bebeis meigas delicias
Por fragil taça dourada;

Vinde estudar n'esta campa:
— Que desingano ella diz!
Attenta na luz do raio,
E vês a vida feliz!

Apparece, brilha, cega!..
Logo terrivel fragor!..
— Adeus mundo!..— Isso que fica?
Da morte trevas, horror!..

Ai do que na hora tremenda
Quizer prender-se á existencia,
Porque o temor do castigo
Lhe remorde a consciencia!

Ser-lhe-ha atroz sentença,
— Talvez verdugo infernal!
A voz que d'alma lhe veio
N'um arranco = oh! eu fiz mal! =

Antes o ser que lhe deram,
Fosse do nada um segredo,
Antes a mãe que o affagára,
O arremeçasse a um rochedo!

Vê no passado o seu crime,
No porvir justo castigo,
Ao tribunal do presente,
Dá contas, treme comsigo!

— Qual sería a tua hora? ..
Emma, que morte tiveste?
Sem remorsos! foi suave,
Como pombinha morreste.

So conheceste a virtude,
Foi parte da tua essencia,
Nem so idea de crime! ..
— Branco lirio d'innocencia!

Desfolhou-te em primavera
Rijo norte queimador!..
Nem flor, nem hasta, ficou-me
Só saudade e amor!..

São elles que me recordam
As horas que ja la vão,
— Tam breves! e fazem longas
As tristonhas que hoje são!

Quem me conduz pela selva,
Antes da aurora raiar,
A'quella rocha da margem,
Onde costumo ir chorar.

São elles que me trouxeram
Pela incosta a entrar aqui,
P'ra depor acerbas maguas,
N'esta lage ao pé de ti.

Que nunca mais torne a ver-te,
A minha desgraça o quiz!..
— Oh! vale-me, Cruz divina,
Refugio d'alma infeliz!

Lembra-me quem nos teus braços,
Mais do que eu peno, penou,
Que nasci p'ra viver pouco,
Lembra-me o nada que sou.

Tambem ella virgem, tenra...
— Por lei mais justa morreu!
Os Anjos não são da terra,
Emma, o Anjo, era do Ceu.

FIM DA EMMA.

CARTAS

DE

SILVANO E LILIA.

ADVERTENCIA.

Mais largo era o plano d'estas Cartas, quando— haverá coisa de quarenta mezes — escrevi as cinco primeiras. Fui porem constrangido a mudar de pensamento pela bem-fundada suspeita de não levar ao cabo em minha vida a obra, como a concebêra. — O meu genio é tam inconstante em tarefas d'este genero! Culpa á mingua de talentos que por ca vai, e ao meu pouquissimo haver litterario. — Não me attreva ao com que não possa? É verdade: mas cada um sabe de si, e Deus de todos — respondo eu com a gente da minha terra.

AO Snr. ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO.

INVOCAÇÃO.

Si quid es, appares, culpa soluta mea est.
Ouv. Trist. L. iv. Eleg. iv.

Cisne de Lisia, portentoso Vate,
Que pulsando donzel plectro d'amores,
Cantaste extremos, e desdens cantaste!
Espirito gentil que o veu rasgando
Aos mysterios da sabia natureza,
Entraste o coração, viste de perto
Paixões oppostas, seus impulsos viste!
Tu que nos *Ceus da candida Minerva*
Aguia vaidosa remontaste ás nuvens,
Mostrando aos filhos das irmans do Pindo
Te onde é dado alçar do estro o arrôjo;
E que soltando a voz divina, eterna,
Chamaste os genios que do chão te olhavão!..
Oh Mestre! oh Mestre! tua voz me alenta...
Brios me sobram com que audaz desprenda
As temerarias plumas!.. — Ah não mófes,
Se mar em fóra por ventura vires,

Ao capricho das vagas procellosas,
Perdido o rumo, navegar sem norte,
O destemido nauta! . . . — Auxilio, oh Mestre.
Sem elle a barra que nas mãos apérto,
Vinte milhas a quem verei ficar-se
Da méta, onde o impulso do teu braço
Primeiro que nenhum pôde arroiá-la!
— E méta que tocar os Ceus recusam
A quem falta esse dom que a ti só deram.
Cantar d'Echo e Narciso, dá-me a dextra,
Um só gesto, uma voz, tomarei forças,
Com que ao baque mortal sustenha o pêso!
— Oh Genio tutelar, deita-me a benção,
Guia meus passos, ganharei renome.

SILVANO A LILIA

Carta I.

Ditoso, ha pouco fui, quando gozava
Aquella doce paz que hoje não gozo,
Paz que do coração ja por mil vezes
Ingratas, como tu, me tem roubado.
— Qual astro percursor de noite umbrosa,
Teu rosto me assomou a vez primeira!
Vi os teus olhos... oh! surriu-me n'alma
Fagueira sensação que amor se chama.
Mostrar-t'a procurei: mimoso ramo
De rosas e jasmins quiz offertar-te;
Mas vendo para ti guiar meus passos
Veloz fugiste com as socias tuas!..
D'esse momento me voaram todas,
Quantas venturas me outhorgava a sorte:
Não me apraz o rebanho que balando,
Errante, cabisbaixo, e sem alento,
A causa do meu mal saber parece!
A mesma doce fronte que soía

Os bailles ajustar nas festas nossas,
Desprezada n'um canto da choupana,
Adormecida jaz, até que os risos
Meus labios occupar volvam de novo.
Não sei que mal te fiz, p'ra que tyranna
Fujas d'um triste assim! — cruel não sejas,
Tem de mim compaixão, cede a meus rogos.
— De que serve no mundo uma belleza,
Se amavel condição lhe não foi dada?
Incanta, como a luz, doudinho insecto,
E como ella tambem consome, abraza,
As flores da existencia — os gozos d'ella!
Se estes rochedos, se esta selva inteira,
Sensiveis fossem, se fallar podessem,
Saberias então quantos tormentos
O teu desprezo me motiva, e quantos
Os segredos d'amor que lhes confio.
Ah! sim, Lilia gentil, dá-me que eu possa
Chamar-te incanto meu, chamar-te minha;
Gozarás os mil bens com que te aguarda
Minha sincera, candida, ternura.
De teu peito dependem meus destinos;
A minha dita ou morte em ti se incerra,
Tyránna morte ou dita dar-me podes.

LILIA A SILVANO

Carta II.

Em quanto o cantarinho se me enchia
D'agua que desce da visinha rocha,
Na relva me assentei co' as mãos cruzadas,
Pensando em coisas que pensar não pódes.
Vejo lettras gravadas n'este tronco!
Ergui-me, aproximei-me, e principio
A ler a historia da paixão que nutres!
Com vagar por tres vezes li teus versos,
Por outras tantas ri dos teus delirios!
Culpada no teu mal em vão presumes
Quem jamais por querer te deu cuidados.
Não sei quem sejas, mas és moço, e basta
P'ra te não escutar, para evitar-te.
— Por que fujo de ti és desgraçado?!.
Por que fujo de ti sou venturosa.
Se Julia, a minha amiga, assim fizesse,
Inda folgára na innocencia sua;
Não mataria a peste o seu rebanho,

Nem a chamma voraz tornára em cinzas
A sementeira de seus paes herdada!
As louras tranças que cortára a triste,
Mimosas flores ornariam inda:
Nem a sincera, candida amizade
Pranto de compaixão junctára ao d'ella!
— Que são crueis, malvados os mancebos,
Mil exemplos fataes m'o tem mostrado;
E a cada passo os corações retalham
Ais d'infelizes que escuta-los ousam!

Em premio d'esse amor desprêzo eterno,
E ainda que não sei qual é teu nome,
Aos demonios darei memorias tuas.

SILVANO A LILIA

Carta III.

Entre as densas estevas da montanha
Hontem fui do meu mal nuncio funesto!
Tua dextra cruel viram meus olhos
Traçar as lettras que mil vezes leio,
— Que leria outras mil, se uma so d'ellas
Fosse tam meiga, como tu és bella.
Oh! que horrivel combate em mim travaram
No momento em que ao tronco as entregavas,
Incerteza e amor, tormento e gôsto!
— Qual feroz javali mordia os troncos
Pensando que teu odio te inspirava!..
Logo meu ser mortal era o d'um anjo,
Se um magico talvez... filho d'esp'rança,
Na perturbada mente me assomava!
Sim: queres-me infeliz? Sou desgraçado
Mais que todos os miseros da terra!
O sol, os rios, meu rebanho, as festas,
E quantas distracções gratas me foram,

S'inda existem p'ra mim, são ja tristonhas
Origens de desgosto e d'amarguras.
As ultimas palavras que escreveste,
N'alma, como espectros, me apparecem!..
Palavras que do Ceu benigno raio
Devêra anniquilar, e o tronco mesmo,
— Monumento de praga, e de blasphemia!..
= Aos demonios darei memorias tuas! =
Nem um impio, mer'cêra o voto infando,
Que lingua de christão saber não deve.

Em nome d'esse Deus que escarneceste,
Dá-me o teu coração: perversos todos
Não julgues os mortaes que amor conhecem.
Em peitos juvenis ternura innata
E' dadiva dos Ceus: immoveis sempre,
São leis do Eterno, as leis da Natureza.
Essas que vês pastoras sem ventura,
De fingida paixão victimas tristes,
A' fallaz seducção renderam cultos!
D'aqui provém seus ais, d'aqui seu pranto.
Oxalá que igual sorte não te aguarde,
D'ingratos corações te livre o Archanjo:
— Quero assim com amor pagar teu odio.

Quasi dissera que excessivo adoro
Mais a Lilia gentil que a meu pae mesmo!

Quando ás vezes me diz: " Silvano, foge
Do perverso amor: voluvel sempre,
Ora off'rece o prazer, ora o veneno.
Umas vezes risonho, affavel, meigo,
Veste da primavera o viço, as galas;
Mas logo, se lhe apraz, trasmuda a essencia,
E todo n'um dragão fulmina a morte.
Esse facho qu' impunha audacioso
Deu-lh'o do inferno a horrenda potestade!..
Foge d'elle, meu filho! „
Entre mil juras
D'abominar amor a Deus protesto.
Mas ah! qu'em breve esquecem-me promessas,
Não me lembra meu pae, e a teus incantos
Entrego a alma e os pensamentos d'ella.
Não me desprezes, formosura amavel;
Dá-me um riso sequer... — fingido? Embora:.
Serei ditoso, viverei d'esp'ranças.

LILIA A SILVANO

Carta IV.

Não te vale razão, nem desingano,
Culpa teu erro, teimarás sem fructo.
Um ente fragil sou, mas não m' illude
A cavillosa voz, de quem por timbre
Tem render corações, zombar das tristes
Qual é teu genio, tuas lettras dizem!..
= Por mil vezes amaste, e por mil vezes
= Ingratas, como eu, te despresaram! =
E tam dura lição não te aproveita?!
Insistes no amar?! não te horrorisa
Um rosto femenil que julgar deves
Demonio de perfidia, anjo da morte?!.
Qual és, qual foste, bem conheço, oh monstro!
Melhor dirias: = Amaram-me constantes,
Deixei-as sem razão, chamo-lhe' ingratas. =
Dos entes que creára Auctor supremo,
És, homem, o peior! Nunca dos labios
Te sai palavra de verdade!.. nunca

Em teu vil coração morou justiça!
Ufano porque a força te acompanha,
So caprichas no mal!.. tudo nos roubas!..
E se o mundo escutou nossos lamentos,
Apoz a perda nos persegue a infamia.
É preciso incerrar no peito a magua,
Vem depois a doença, e logo a campa!
Ah! homem!..homem!.. teu retrato é este,
Tracei-t'o eu, assombram-t'o gemidos
Qu'inda hontem ouvi, que ouviram todos
Da minh' aldea!.. Attestará teus feitos
O funereo cypreste que plantára
Juncto ás cinzas da filha o pae saudoso,
— D'exemplo ás moças — e dirá qual sejas
Um seculo ao menos qu' existir lhe é dado.
Deus me livre de ti! nem mesmo a sombra
De teus cabellos me traspasse ao lado.
Entre os lobos da serra, entre serpentes,
Vai a vida gozar, e em paz me deixa.
Perdes o tempo na porfia insana,
Um tyranno te julgo, e assim te odeio.

SILVANO A LILIA

CARTA V.

Os dentes a ranger, ardendo em furia,
Tinctas as faces no rubor d'affronta...
Cego, fóra de mim, vou responder-te
Em nome do meu sexo que insolente
Com negras expressões cuspir quizeste!
Porque sabes d'um monstro a horrenda historia,
São os homens crueis, são monstros todos?!
Oh!.. quem o ser te deu, senão ternura
D'um ente varonil que pae chamaste?
Se candura não ha, se traiçoeiros
Todos os homens são, porque insensatos
Vão ante as aras submetter seus pulsos
Aos laços d'hymeneo?!. — melhor lhes fôra
N'esse instante fatal soffrer mil mortes,
P'ra que a lingua mordaz d'infernal hydra
Não murchasse a ventura de seus dias.
Lamentas do teu sexo os negros fados,
E o meu é de seu mal o auctor funesto?

Ah! dize, dize, se fieis vós todas
Os protestos d'amor guardais constantes?
Mais várias que a mariposa dos prados,
Mendigais attenções por toda a parte,
Gozai-l'as uma vez? demandais outras;
Ás promessas faltais, perjuras, falsas,
E o raio vingador que o Ceu despede,
D'atraiçoada mão sai n'um desprêzo.
Conheceis, mas ja tarde, o erro infando,
Vem apoz o chorar. Que tendes? — buscam
Vossas iguaes, solicitas, amigas. —
Co' a arte que vos deu subtil natura,
Pintais-lhes do perverso a tyrannia,
Que desgraçadas vos deixou na terra!
De negras maldições, d'injustas pragas,
Unisono clamor demanda os astros,
E o amante infeliz é alvo ás iras
Que merece um traidor, sendo innocente!
Eis aqui por que infames, fraudulentos,
São muitas vezes desgraçados moços
Que longe de folgar, constantes choram
A condição fatal de vis ingratas!
— Ingratas!.. quantas sois? Ah! todas... todas!
Ao primeiro mortal fôra mais doce
Viver sosinho que comprar co' a morte

Companheira mulher!.. Arca do Justo,
Por que salvaste a raça de taes monstros?!
Oxalá n'esse mar morressem todas...
— Então fôra feliz, anjo seria,
Quem sem remedio viverá d'angustias.

SILVANO A LILIA

CARTA VI.

Um mez ja se passou; tinha jurado
Nunca mais te escrever; porem não posso.
Ai misero de mim!.. roe-me as entranhas
Cancro devorador que m' exaspera!..
Amor, insano amor, me traz de rôjo
Novamente a teus pés. Desde esse dia...
—Quem podesse esquece-lo!—estes meus olhos
Nunca os pude cerrar, dormir tranquillo!
Mil imagens d'horror, negras ideas,
Sempre a meu lado meus verdugos foram,
— E inda hoje o são! — Ah! hontem... hontem,
Quando ao triste clarão da frouxa lua
Me desfazia em ais, em justas queixas,
Apparece ante mim visão terrivel!..
Era o teu rosto!.. mas acceso em ira!
Afiado punhal tinhas na dextra!..
"Malvado!.." — gritas — estremeço e sinto
Rasgado o coração, brotar-me o sangue.

Desfalleço, e sem tino á terra accurvo...
Não sube mais de mim... veu do sepulchro
Cobriu-me o corpo... abandonou-me a vida!
Eis rompe no horisonte a luz diurna,
E ao mellifluo cantar d'alada turba
Descerro os olhos, revivi no mundo!
— E só para gemer, luctar com maguas!
Sou reu, Lilia gentil, confesso o crime;
Mas o tronco onde está? Nem folha existe,
Cortei-o eu, as chammas o tragaram.
Se o visses meu bem!... Ja quasi secco,
Sua graça natal perdido havia!
Meu rebanho infeliz fugia d'elle,
Outro buscava no ardor da sésta.
A mesma triste rôla, que pousada
Tantas vezes alli gemeu commigo,
Outro cume buscou!...— Quizesse o fado
Nas intranhas maternas consumir-me,
Antes de ver a luz, antes de ver-te.
Tem dó d'um coração que por ti geme;
Nada quero de ti, senão dous versos:
Vingativa não sou, protesto amar-te,
E cativa d'amor Lilia perdoa.

SILVANO A LILIA

Carta VII.

Por derradeira vez inda te escrevo,
Lerás meus versos pela vez extrema:
A terra e o mesmo Deus ouçam meu voto,
E se perjuro eu for... puna-me o raio.
Tyranna, pertinaz em teu silencio,
Teimas deixar-me á discrição das maguas!
Queres qu' eu morra? Morrerei; descança.
— Qual arbusto mimoso se definha
Na raiz d'escabrosa penedia
Sem sol, nem agua, que lhe alente a vida...
Pouco a pouco assim vou descendo á campa.
Pelas faces d'um pae atribulado
Vejo o pranto correr!.. — misero velho
Escuta meu gemer, não sabe a causa,
Mas do filho infeliz a sorte o punge.
Em breve no montado em que vagueio,
Um rebanho verás disperso, errante...

Espectro d'homem, lacrymosa sombra,
Seguir-lhe os passos através da noite!
Do rouco peito lhe ouvirás surrindo
Amargas queixas do seu fim funesto;
E os echos melancholicos das fragas
Repetindo seus ais desfallecidos!

Adeus...—Esquece, amor, passadas culpas:
Escreve-me outra vez, só uma ainda,
Lendo teus versos, morrerei tranquillo.

LILIA A SILVANO

CARTA VIII.

Depois d'imprecações, de vis calumnias,
Attreves-te a pedir qu'inda t' escreva,
E do passado mal emfim me esqueça?!
Se o aggravo so meu fosse, podéra
Outorgar-te o perdão: geral offensa
Requer geral perdão, das socias minhas...
— A ellas mais que a mim pertence o indulto.
Tem jus á compaixão um desgraçado,
Porisso m'internece, e me commove,
A de teus males lastimosa historia.
Morrias — dizes tu — se recusasse
Por mais tempo escrever-te?! assim cumpríra,
Se não temesse me carregue um dia
D'homicio atroz funesta culpa.
Sim: desconheço amor, mas sou piedosa,
E se piedosa sou, folgo que vivas.

SILVANO A LILIA

CARTA IX.

Ainda hontem chorei, sou hoje alegre,
Mudou-se p'ra melhor meu triste fado.
Graças a ti, pastora, a mais amavel
De quantos este monte inda habitaram!
Tiveste dó de mim! Oh! Deus permitta
Que os dias te deslizem tam risonhos,
Como auroras de meiga primavera;
Serenos sempre, puros e viçosos,
Como as boninas do teu rosto amavel.
Essa mão que traçou piedosos versos,
Deu-me a paz!.. seja a paz seu digno premio.
Ás beiras de medonho precipicio
Vi a morte ante mim!.. tu me salvaste!
Deus te salve tambem que o Ceu mereces.
N'um instante fatal soltei mil pragas,

E todas sobre mim com teu desprêzo
Vi prestes a cahir! — Quantas desgraças
Funesta indiscrição nos traz ás vezes! —
Tu me dás o perdão! É quanto basta.
Nem ira nem amor das socias tuas
M' interessou jamais, nem m'hoje interessa.
Que suspirem por mim, que me aborreçam
Deu-lhes meu coração sempre indiff'rença.
— Não sou reu para ti? Desprézo a ellas.

N'este dia á ventura consagrado
Em que dizes prezar minha existencia,
Serão c'roados das mais lindas flores
Os meus cordeiros. Plantarei um freixo
No lugar, que me ouviu tantos gemidos:
— Quero assim conservar memoria eterna
Do meu passado mal, da gloria d'hoje.
Oh! s'escutares na callada noite
Alegre frauta no casal da incosta,
Não perguntes quem é? Passada em festa
Toda inteira será, por meu pae mesmo.
Então conhecerás quanto é fagueiro
O pensamento de fazer ditosos!

Se tu quizesses... Venturosos sempre,
Como o não foi ninguem, fôramos ambos:
Eu na posse de ti, amavel anjo,

Tu satisfeita por me ver contente.
Não sou inganador, perjuro, falso:
Se te agrada Silvano... ah! não receies
Abrir teu coração, qu' elle te adora...
— Teu esposo será, se assim quiseres.

LILIA A SILVANO

CARTA X.

Nem um triste casal, nem gados tenho,
Orphan de pobres, so herdei pobreza.
D'um pastor que me adora, como filha,
Guardo o rebanho, não é meu, bem sabes.
Tu unico, senhor de mil cabeças,
De prados e montado!.. tu tam rico...
Queres zombar de mim, donzella e pobre?!
Juraste para ti perder minh' alma,
Tornar-me o escarneo de perversas linguas!
Oh! não sejas tam mau: baste á desgraça
O sem numero de moças malfadadas.
Que cobertas d'opprobrio e da miseria
Comem o amargo pão, mixto no pranto
Do remorso cruel que as dilacera!
Amo-te muito!..—Que me vale amar-te?
Não sou digna de ti; este o motivo
De fugir-te, e não crer nos teus protestos.

Pela vez derradeira hoje te' escrevo;
Quem ja ría de mim, talvez não falte.
Não me persigas mais, deixa-me embora
Gozar em doce paz minha innocencia,
— Bem e unico haver que os Ceus me deram.

CONCLUSÃO ÁS CARTAS

DE

SILVANO E LILIA.

Decorreu pouco tempo:—era um domingo—
Sahiam da Matriz louçans cachopas,
Não vestidas de sedá, ou finas telas,
Trazidas la da França, onde o diabo
Ingenha sancadilha aos nossos cobres
Com *blonde*, e outras mais teias d'aranha;
Mas trajando burel, parda sirguilha,
Estopa e linho á Portugueza antiga.
Mantilhas, saias, no pescoço um lenço,
— De sua industria, e seu trabalho fructo —
Uns tamancos nos pés. — Como eu dizia:
Sahiam da Matriz as raparigas,
Entre ellas alguns moços, e dous velhos,
— Tambem com suas vestias d'estamenha,
E da mesma calções. — Alegres todos
No parecer e vozes. Par formoso
Perto os seguia lento, taciturno.

— Julgarias qu' estranhos, indifferentes,
Erão ao regosijo que alli ia,
Constrangidos talvez d'algum respeito,
Por desavença antiga ou negra inveja?
Nada d'isto assim era: bem do avesso,
Quinhoavam na festa a melhor parte
Elle e ella, que junctos em consorcio
Vinham de receber as sanctas bençãos
Da mão do cura. Agora ião callados,
Por qu' é d'uma serrana em dia grande
De seu noivado o pejo; e não descrava
Meigos olhos do chão; — talvez nem fite
Por somente uma vez o proprio esposo
Que pouco tambem ri, e menos falla,
D'enleiado co' as graças e motejos
Dos libertos amigos.

Caminhavam
Costa acima d'um monte, onde ao nascente
Alvejava um casal. Vem-lhe' ao incontro
Os rafeiros alegres! Entram todos;
E quem leva sincero presentinho
D'ovos, queijos, o tira da mantilha,
Entregando-o inexp'rado á bella noiva,
Que lh'o recebe com cortezes fallas.

Apóz frugal comida — lauta boda

P'ra todos elles! — foram-se escoando
Cada um a seu lar por avenidas.
Um velho que arrimado ao seu cajado
Se ausentava tambem — muito chorava! . .
Incommendando a Deus, e á Virgem Sancta,
Aquella que creára de menina,
E que ja mais verá na trista choça
Em noites longas d'infadonho inverno.

Inutil é dizer-vos qu' estes noivos,
Erão Silvano e Lilia, ambos pastores
Lá da serra — d'Estrella. — Então poetas?
Uma figa! . . Essas Cartas que tu lêste
Em versos tam esguios e cambaios,
Fui eu que as escrevi, não foram elles.

FIM DAS CARTAS

DE

SILVANO E LILIA

VARIAS POESIAS

UMA JORNADA AO PAIZ DAS FADAS.

Image, image, mais que bella
Antes dirá celeste!
Que á minha inteira, unica dita,
Inteiro me prendeste.

J. ANAST. DA CUNHA.

De negro sangue manchado
Alvo corcel espumava
Juncto d'elle um cavalleiro
Dormindo na terra estava!
— E na carnagem, d'ha pouco
Não cuideis que então sonhava.

Desperta, monta no bruto
Avançou montes afem —
Mas onde vai ninguem sabe
Nem tam pouco quando vem!
Mysterios d'essa jornada
Não os disse elle a ninguem

Por onde foi levantou-se
Nuvem spessa de poeira!
— Em hora boa te vas,
Que não seja a derradeira:
— Vida de perigos a sua,
De mau fado aventureira!..

Vinte dias são contados,
Ei-lo de volta outra vez;
Conheceu-se qu'era o mesmo
Pelo corcel e arnez!
Cabisbaixo, amarellento...
Certo soffrêra revez!

Foi vencido na peleja?
Ou viu terrivel finado?
— Alguma noite aziaga!..
Ah! pobre d'elle coitado!
Antes ficasses aqui,
Não foras tal..! — desgraçado!

Poz pé terra, aproximou-se
Das ruinas do mosteiro,
Prende o corcel n'um cypreste,
Nem agua lhe-deu primeiro!
— Grandes maguas são as suas!...
— Que tendes bom cavalleiro? —

II

Assentou-se n'uma pedra,
Tira o negro morrião,
Os braços cruza no peito,
E fita os olhos no chão!
A couraça lhe tremia
Co' o bater do coração!

"Venho do paiz das fadas,
Onde o amor me levou.
Fui mimoso d'esperanças,
Mas essa dita acabou;
E o infeliz qu' era d'antes,
Inda o mesmo infeliz sou!

Fui-me em cata d'uma dona,
— Ou antes d'um serafim,
Qu' em sonhos vi muitas vezes,
Desdenhosa ao pé de mim!
— Fascinado me trazia,
Que meu fado o quiz assim!...

II

Incontrei-a, olhou-me e riu-se...
Ai!.. perturbado fiquei...
Perdi os cinco sentidos
Do prazer qu' exp'rimentei!
Solto um ai do fundo d'alma,
Mas se ella o ouviu... não sei...

Pensativa pareceu-me
Poisando o rosto na mão;
S'era amor que a contristava
Sabe-lo não pude, não;
Só sei que segredos tinha
Que d'elles cuidava então.

Ca dentro lucta de morte
Entre o receio e amor!
Desejei beijar-lhe o collo,
E o rosto incantador!
— E meu desejo era ancia...
Era um fogo abrazador!

Prestes fogiu tanta dita,
— Nunca mais me appareceu!
Mas ficou-me impresso n'alma
Aquelle rosto do Ceu:
Rosto que será na vida
O anjo da guarda meu.

Embora me punjam dores
Que cada dia são mais,
Sejão-me longas e tristes
Noites e dias iguais!
Viver quero de meus sonhos,
Quero viver de meus ais."

Aqui passado d'angustia
O trovador se callou;
Não disse tudo, que o resto
La no peito lhe ficou...
Tu és a ingrata do conto,
E o desgraçado eu sou!

SONETO.

Se justo pranto meu ja não resiste
A dor que me traspassa imbraveoida,
Nem deixais por um pouco a torva lida,
Phantasmas do pavor, socios d'um triste!

Pezar, negro pezar, ferrenho insiste,
Pezar sobre pezar me incurta a vida,
Nem sequer da esperança a tam querida,
A fagueira illusão na mente existe!

Só ouço os echos dos meus ais queixosos,
Para ser mais cruel minha amargura
Lembram-me os dias que passei ditosos!..

Somiu-se a luz do ceu serena e pura...
Não vejo o sol d'uns olhos saudosos...
Que solidão! que horror! que noite escura!

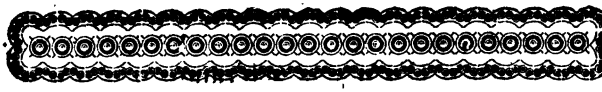
SONETO.

Quanto é duro, Marilia, a um desgraçado,
Que luctando se vê co' a negra morte,
Não ter na sua dor, quem o conforte,
E ver-se ao seu destino abandonado!

Mas aquelle que vê seu bem amado,
Adoçando o rigor d'este transporte,
Tem feliz condição, ditosa sorte,
É dos homens e numes invejado!

Assim eu sem arrimo e desvalido,
Mas ditoso se visse um terno braço
Do meu duro estado condoido;

Bem diria d'amor o eterno laço,
Morrendo ao pé de ti, meu bem querido,
Minha vida exhalando em teu regaço.



LYRA.

Quando me lembra
O dia triste,
Que ultimo te vi, querida Annalia,
O sangue se me gela, e o pensamento
Quasi de todo indoudece!
— Ai do meu peito
Que desfallece!..

Ja desterrado
Por teu respeito,
Fui mandado volver aos doces lares!
Co' a nova de gosto, ou da incerteza,
O coração m'estremece!
— Ai do meu peito
Que desfallece!..

D'um pae sob'rano
Aos pés curvado,
Escutei o decreto que ordenava
O degredo fatal, em que hoje vivo,
E que amor não merece!
— Ai do meu peito
Que desfallece!..

Corria o tempo,
Fui a teus braços,
E do meu pranto, das tristezas minhas,
Perguntaste-me a causa, eu não t'a disse...
Mas amor tudo conhece!
— Ai do meu peito
Que desfallece!..

Soltaste um grito
Do fundo d'alma,
E no teu rosto incantador, mimoso,
Vi murcharem as flores que definham
So quando o prazer fenece!
— Ai do meu peito,
Que desfallece!..

O sol fogia,
Ia ausentar-me...
Entre soluços e cortadas vozes
Dei-te saudoso adeus co' os olhos tristes...
— Adeus que nunca m'esquece!
— Ai do meu peito
Que desfallece!..

SONETO.

Ninguem mais do que eu foi adorado
Com tam fagueiro amor, com fé tam pura,
Nenhum ente jamais — se me figura —
Deu imprego tam meigo ao seu cuidado:

Porem hoje... talvez que desgraçado
Um só ai não mereça á formosura,
E que os doces extremos e a ternura
Tenha a ausencia cruel qüasi apagado:

Se assim é, que em teu peito um mal assiste,
Que tanto em damno meu decreta a sorte,
Com elle a causa do meu fim existe:

Remedio não terei a dor tam forte,
Será de qu' és ingrata a nova triste,
A sentença fatal da minha morte!

XACARA.

Houve em terras de Lisboa
Velho nobre e cavalleiro,
Tinha uma filha que amava
Entre as virgens d'um mosteiro.

Lá defronte do mosteiro,
Outro mosteiro havia
De monges negros! — Tam sanctos...
Justo Ceu!.. — Quem tal diria?!.

Bem pensada a donzellinha
Aos quinze annos chegou,
Linda meiga, e tam prendada...
— D'um monge se namorou!

Novel e formoso o monge
Era falso inganador,
Ella amava-o deveras,
— Era o seu primeiro amor!

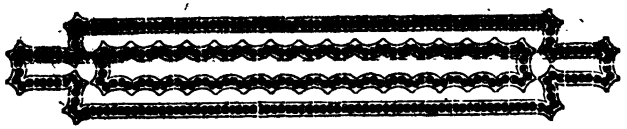
Morreu a mãe á coitada,
Seu pae a casa a levou,
Onde ausente e sem conforto
Muito gemeu e chorou!

Alguns meses se passaram
Sem do monge novas ter,
Perde a cor do lindo rosto,
Ate perdêra o comer!

Pertendeu seu pae casa-la
Com mui guapo senhor,
Ella disfarça, e acceita,
Deu-se d'alma a novo amor.

Mas eis que o monge apparece,
— Perdeu de todo a razão!
É forçoso alfim deixa-lo,
Não se atreve a sim... a não!

O triste pae tudo sabe...
— Oh! que amarguras que tem!..
Filha ingrata, o pae mataste!..
E ella? — Morreu tambem.



SONETO.

Fui feliz, ai de mim! — atroz lembrança!
Ora gemo, ora chóro, e em vão pranteio!
O rouco, afflicto, peito consagrei-o
Ao desgosto mortal em que descança!

Na idea do que fui a mente alcança
Tormentos, que redobram meu receio;
Um bem que possui por dis deixei-o,
Minha dita cançou, meu mal não cança!

Assim passando vou a vida escura,
Dos fados ao rigor em vão resisto,
Que se oppõe contra mim a desventura!

É este meu viver, meu mundo é isto,
Ja não posso existir sem amargura,
Pois é só pela dor que sei qu' existo.

O BISPO DE LISBOA.

Alteradas então do reino as gentes
Co' o odio, que occupado os peitos tinha,
Absoluctas cruezas e evidentes
Faz do povo o furor, por onde vinha:
.....

CAM. LUS. CANT. IV.

ERA um dia de dezembro,
Chuveiros e cerração!
— O povo vociferando,
Nos Paços consternação!
Tinctas de sangue as paredes!
Um homem morto no chão!..

Dom João tinha sahido,
— Mestre d'Aviz se chamava;
Porem o morto quem era?
Quem triste se lastimava?
O que jazia era o Conde,
A Rainha quem chorava!

Foi-se o povo após o mestre,
Os sinos tocar mandou,
Em san' Martinho tocaram;
Porem a sé não tocou:
O povo redobra os gritos!
— Foi-se o Mestre, ella ficou.

Na torre viram cabeças!
— De tal ultraje os fautores!
Arde a plebe infurecida,
Quer desaggravo e horrores!
— A' torre, á torre... a ellos...
— E morram que são traidores!... —

Rudos golpes resoaram
Nas sacrosanctas portadas,
De dentro respondem echos,
E ellas sempre cerradas!
— Não valeu ferro, nem cantos,
O que então poderam escadas!

Entraram uma janella
Que tinha os vidros quebrados,
Foram-se dentro da igreja,
Do demonio acompanhados!
— Oh sacrilega torpeza!
Horriveis negros peccados!..

Pisaram pés d'assassinos
Os degraus, á torre vão!
Alguns homens de joelhos
Do seu feito dão razão!
De fóra vozes do inferno:
— Abaixo quantos 'hi são! —

E os olhos se fitavam,
Ferinos no campanario!
Cahem tres corpos do alto,
Ao brado tumultuario!
— As campas estremeceram!..
Abalou-se o sanctuario!..

Um d'elles era de Silves
Tabellião, pervidor;
Gonçalo Vasques o outro,
Lá de Guimarães prior;
O terceiro, o proprio bispo,
Seu desvelado pastor!

Pela barba veneranda
Lhes travaram — condemnados! —
Nús, cuspidos, vão gemendo,
Pelas ruas arrastados!..
Sangue e terra nos cabellos!..
Os ossos despedaçados!..

Ao rocio apenas chegam,
Ahi os mortos deixaram,
Alguma de suas carnes
Famintos cães devoraram!..
— Um Velho disse o seguinte
D'entre as gentes que passaram:

" Oh inaudita crueza!
Oh caso d'eterno horror!
Como coube em peitos d'homens
Tal frenesi, tal furor!
— E pondo os olhos no Ceu
" Misericordia! Senhor!
Desgraçado dom Martinho...
Pobre bispo! — coitadinho! .. "

SONETO.

Auras alegres que inspirais amores
Nos ternos corações, onde ha ventura,
Oh selva em que brotou tanta verdura,
Auras suaves que brincais co' as flores!

Oh prados, onde existem mil favores
Que vos outhorga a próvida Natura,
Oh terra qué ora tens tanta doçura,
Quando n'alma só tenho dissabores!

Sabei que hoje nasci, que em furia accesa
Nos braços me apertou cruenta sorte,
E ao pranto me votou, deu-me á tristeza!

Ao nada vossa gala se reporte,
Veste a cor do meu lucto, oh Natureza,
Celebrae meu natal, aves da morte!

UMA SCENA

NO

CEMITERIO DE TORRES NOVAS.

Tocava o sino, e os echos lamentosos
Do funereo troar longe carpiam!
Perto calosa mão abre a garganta
Tragadora dos mortos!.. Ais sentidos,
E dorido clamor d'atribulados,
Trazidos pelas auras reflectiam
Nos muros do castello! — Aberta a grade
Dá entrada ao cortejo. Tochas duas
Acompanham a Cruz: apoz o esquife
E o sacerdote que levou na vida
Por caminhos da Graça desvelado
A definhada ovelha, murmurando
Os psalmos vai, porem tam mal distinctos,
Que intende-lo!.. só Deus,—para quem valem

Os pensamentos mesmos. Lucto, pompa,
Ha 'hi nenhuma, porque vedam homens
Qu' esse phantasma da grandeza siga
Ás portas do jasigo o que trajára
Andrajoso vestido, e bem descripto
Trouxe no rosto descarnado e triste
O ferrete da mingua! — Sem ser visto
Quasi se trasladou do berço ao tum'lo.

Involto n'um lençol jaz o cadaver,
E ja nas orlas do sepulchro aberto,
Na mesma terra que cubri-lo deve.
Mas o morto quem é? Negros cabellos
Contrastam com a alvura da mortalha,
E nada mais se vê. Juncto o coveiro,
E a tenebrosa noite que os cobre!
Todos os mais se foram. Vulto estranho
Sobre o cadaver se lançou de rojo!
— Julgáras um ministro do abysmo,
Vindo a prêza impulgar, como que tarda
Em saciar-lhe a tragadora fome!
E o coveiro que faz? Sente gelar-lhe
O sangue e o coração... tremem-lhe as carnes!..
— Nunca hospede tal houvera... nunca,
N'esta hora e logar! — Amedrontado,
Sem falla, espavorido, e como louco,

Julgando-se com almas d'outro mundo...
Foge! — Está com o morto o vulto em braços,
D'espaço a espaço geme, e tam cortados
Os seus soluços são, tanto sem força,
Que bem parecem da existencia os ultimos.

"Morrestes, ai de mim! — vozes s'escutam,
Que assim s'exprimem — ai de mim! morreste!
E não morro tambem! .. Que faço agora,
So sobre a terra, sem prazer sem alma?!
Essa prenda d'amor, as lindas flores
Com que as tranças te ornei se desfolharam!
— Nada te resta da passada gloria...
Nem tam pouco a mim! — Immoveis, mudos,
Os teus labios estão! .. Torpor eterno,
Gêlo da morte lhe afferrára o sêllo,
Que não pódes quebrar, e será roto
So no dia terrivel da Justiça,
— P'ra me accusar's talvez s'estreitas contas
Te pedir o Juiz por me adorares.
Dura rocha os teus membros se tornaram...
Mal te conheço já! ..
Veu do sepulchro,
Involve-me tambem, cobre-nos ambos.
N'estes olhos gentis, ora nublados,
Minha aurora sorria! .. Eternas sombras

Me vedam vê-la!..—nunca mais...oh! nunca...
A tornarei a ver!..
Veu do sepulchro,
Involve-me tambem, cobre-nos ambos.

O carpir terminou; presas as vozes
Ficam nos labios do infeliz... contrahe-se
O coração sem força p'ra impelli-las
Do frio peso que lhe opprime o peito!
Por tres vezes piou ave nocturna
Que nas ameias da visinha torre
Callada esteve, presidindo ao acto:
Logo as azas bateu, levantou vôo,
Só para mais não ver! Triste meteoro
Longo espaço do ceu correu no occaso!
Sobre as aras sangrentas do martyrio
Recebe amor a vida ao desgraçado,
Off'renda que lhe faz grande, excessiva,
Em premio d'esses bens, que lhe outorgára.
'Stalou-lhe o coração saudade extrema,
Cruel magua o feriu, cahiu de morte.

SONETO.

Pensamento, onde vás tam apressado?
Desejo, quem te leva de corrida?
Vamos ver a que alenta a tua vida,
Ver Annalia gentil, ver teu cuidado:

Dizei-lhe que suspiro desterrado,
Que é meu sol uma luz amortecida,
Que dos males a turba inraivecida
Me aterra, ulula, me vozea ao lado:

Dizei-lhe que me vistes pensativo,
Entregue á viva dor que me atropella,
Viver no mundo, sem saber que vivo!

Dizei por piedade á minha bella,
Que s'estou contra amor tam queixativo,
Adoro-a inda mais... morro por ella.

SONETO.

Quando teu gesto delicado via
Mimosas sensações m' electrisavam,
Os teus olhos meu ser divinisavam,
Ria das maguas, dos meus fados ria:

Se um momento chorava, apoz volvia
Dos gozos o tropel, que m' affagavam,
Mil desejos freneticos voavam,
Onde voar so é dado á phantasia:

Porem hoje a ventura não me assiste,
Dentro do coração amargurada
Sombra teimosa do meu mal existe!

Longe de ti, meu bem, oh que isolado!
Que saudoso não passo a vida triste!
Que afflicto!.. que só!.. que desgraçado!..

SONETO.

Sonhei que via um vulto pavoroso,
Trazendo ao collo um corpo amortalhado,
Cujo rosto sem cor, quasi myrrado,
Era tam triste, quanto foi formoso:

Compassivo, inquieto e temeroso,
Senti o sangue e o coração gelado,
Quando o espectro, soltando horrivel brado,
Carrancudo me diz, medonho, iroso!

"Reconhece, mortal, teu bem perdido,
Aquella a quem teu fado era sujeito...
Repara n'esta mão, n'este vestido!.."

=Esta mão!?. era d'ella!..=Aperto-a ao peito,
Um beijo lhe imprimi, sólto um gemido,
Exhalo a vida em lagrymas desfeito!

UM BAPTIZADO.

Onde vais, lindo menino,
De ricas telas orlado?
Entrar no gremio de Christo,
Lavar nodoas do peccado.

Tantas galas e senhores
Alegres ante elle vão!..
— É justo, vão ver despir-lhe
Negra mortalha de Adão!

Vê-lo surgir do sepulchro,
Onde a existencia s'inlaça
Á morte, se lhe não valem
Divinas aguas da Graça!

Deus te acolha, meu menino,
No ditoso redil seu,
Coro d'Anjos te acompanhe
Com doces cantos do Ceu.

— Juncto da porta sagrada
Eis o tenro peccador,
Quer o Ceu!.. Ah! tem dó d'elle,
Dá-lhe o baptismo, Senhor.

Vem-lhe d'herança o seu crime,
É puro seu coração,
Sê com elle piedoso,
Sancto Deus, dá-lhe o perdão.

De par em par eis a porta,
Abre-lhe a Igreja os seus braços,
Negra cadea do inferno
Cahiu-lhe aos pés em pedaços!

Fica raivando o demonio,
Porque a victima perdeu,
Sombras da noite fogiram,
Surri-lhe a aurora no Ceu.

FIM.

NOTTAS

Pg. 64.

Por seus despotas sagrados...

Os sacerdotes desvairados por paixões mundanas — intendamo-nos.

Pg. 65.

Os escravos e o senhor.

Em todos os bandos politicos ha individuos, cujos principios derivam de consciencia inteira e limpa; e estes respeito eu muito, por boas rasões. Chamo pois escravos ao vulgacho das facções — os ambiciosos e os incautos que os servem.

Pg. 66.

Inferno, sorve o tyranno
Que abusa da Liberdade!

Não me refiro particularmente a ninguem: abomino os abusos de Liberdade, porque são o cancro que a roe e extingue.

INDEX

EMMA

Pg.

Duas palavras de desafôgo 7
Invocação 11
O Cego 15
A desconfiança 23
A noite dos finados 27
Dous infelizes 33
O Castello da Feira 37
Uma noite d'ausencia 47
O Ciume 51
O Seculo 59
Um sonho 69
A Cruz negra 77

CARTAS

Invocação 87
Carta I 89
II 91
III 93
IV 97
V 99
VI 103
VII 105
VIII 107
IX 109
X 113
Conclusão ás cartas 115

VARIAS POESIAS

Uma jornada ao paiz das fadas..... 121
Lyra..... 129
Xacara..... 133
O Bispo de Lisboa..... 136
Uma scena no cemiterio de Torres Novas. 142
Um Baptizado..... 149

Sonetos
O justo pranto meu ja não resiste... 127
Quanto é duro, Marilia, a um desgraçado 128
Ninguem mais do que eu foi adorado... 132
Fui feliz, ai de mim! — atroz lembrança! 135
Aves alegres que inspirais amores..... 141
Pensamento onde vás tam apressado.. 146
Quando teu gesto delicado via..... 147
Sonhei que via um vulto pavoroso..... 148

LISTA DOS SNRS. SUBSCRIPTORES.

A

Agostinho	Joaquim d'Oliveira Coelho... ...	1
	Rodrigues Soares Cancella... ...	1
	Xavier Affonso Pires	1
Albano	Caldeira Pinto...	1
Alberto	Teixeira Pinto Basto	1
Alexandre	Ferreira de Seabra...	1
	Soares Pinto	1
Anna	Rufina Correa de Sousa Brandão (D.).	1
Annonymo	... ...	1
Antonio	d'Abreu Couceiro	1
	Alves Moreira...	1
	Alves da Silva Menezes	2
	d'Amorim Aranha	1
	de Barros Teixeira	1
	Belleza d'Andrade	1
	Bernardo Leite de Rezende... ...	1
	Caetano Ozorio Gondim	2
	Cardozo d'Almeida Cruz	1
	de Castro Corveira Corte Real ...	1
	Correa d'Abreu	1
	Correa Bastos de Pinna	1
	Fernandes Alves Fortuna	1
	Ferreira Ramos	1
	Ferreira Sarmento	1
	Comes d'Andrade Campos	1
	Izaac	25
	Jacomo de Castro	1
	Joaquim Gomes da Silva	1
	José Carneiro Guimarães	1
	José Godinho...	1

Antonio	José de Macedo e Vasconcellos ...	1
	José Pires Pereira de Vera... ...	1
	José d'Oliveira Penna	1
	José Ramos	1
	José da Rocha	1
	José Teixeira Guimarães	1
	José Vieira	1
	Loureiro de Miranda...	1
	Lourenço Tavares Pereira e Sousa...	1
	Luiz da Cunha	1
	Luiz Figueira	1
	Luiz Soares Barboza...	1
	Maciel d'Oliveira Dias	1
	Manoel d'Affonseca e Sousa... ...	1
	Maria Themudo	1
	Maria da Veiga	1
	de Mello Cabral	1
	Moreira Rangel	1
	Pereira de Castro	1
	Prudente Fermiano	1
	Rodrigues Lucas	10
	Rodrigues Praça	1
	de Sá Carneiro	1
	dos Santos Ramalho...	1
	da Silva Canedo	2
	de Sousa	1
	Theodorico Salgado	1
Augusto	Cezar Saraiva...	1

B

Belchior	José Garcez	1
Bento	José Pinto da Motta	1
	José da Silva Guimarães Junior ...	1
Bernardino	José da Costa Rifa	1

Bernardo Maria da Gama e Sousa 1
Alves das Neves 1
Antonio da Silva 1
José da Silva Tavares 1
Ribeiro Trovão 1

C

Candida Emilia de Castro Henriques (D.) ... 1
Candido Joaquim Xavier Cordeiro 1
José Alves do Valle... 10
Chrispim Augusto Correa Basto 1
Custodio José da Rocha 2

D

Diogo Lopes de Sousa... 1
Domingos Carneiro d'Oliveira... 1
José Godinho 1
José Lourenço 1
José Teixeira 1
Luiz Valente 1
Pinto Ferreira Machado 1
da Silva Canedo 1
Daniel Henriques de Moraes 1

E

Eduardo Augusto Carvalho Nogueira... ... 1
de Oliveira Chamiço... 10
Ezequiel de Santa Elena 1

F

Felicissimo José Serrano 1

Fernando Antonio Correa da Silva 1
Filippe José Pereira Brandão 1
Fortunato Firmo Maia 20
Fradique Rodrigues da Fonseca Beja 1
F. d'Albuquerque e Couto 1
Francisco Alves da Cruz 2
Antonio Borges 1
Antonio Carrazedo 1
Antonio de Carvalho 1
Azeredo Mesquita Figueiredo ... 1
Correa de Pinho d'Almeida ... 1
Ferreira d'Eça 1
Ferreira Torres 1
Gomes Duque 1
Gomes da Silva 1
Ignacio Pimentel Botelho Sarmento. 2
Joaquim da Costa 10
José d'Azevedo 1
José Coutinho 2
José Lopes de Lima 1
José Ribeiro de Seara 1
Leite de Sousa 1
Nunes de Figueiredo 1
d'Oliveira Maia 15
Pinto Henriques 1
Rodrigues da Fonte Cancella ... 1
Xavier de Moraes Pinto 1
Xavier Rodrigues 6
Fulgencio Tavares da Costa 1

G

Germano Antonio Ernesto de Pinho Ravara... 1
Gertrudes Maria Roza d'Almeida (D.) ... 1
Gonçalo Candido da Fonseca Ozorio de Menezes 1

Guilherme Augusto Sanhudo 1
G. M. Correa 1
Gustavo Ferreira Pinto Basto 1

H

Honorio Lopes da Santa Anna 1

I

Ignacio Cabral Arez da Silveira Bastos ... 1
José Rodrigues 1
Pizarro de Moraes Sarmento... ... 3

J

Jacintho José de Sá Lima 1
dos Reis Gallo 1
João d'Almeida Dias 1
Baptista Moreira 15
Baptista da Silva... 1
Baptista de Sousa Liberto 1
do Campos Costa... 30
de Castro Corveira Corte Real ... 1
Cazimiro Carneiro... 1
Couceiro da Costa 1
C. do C. 1
Ferraz d'Abreu 1
Joaquim Guimarães 1
José d'Araujo 1
José d'Azevedo 1
José Cordeiro 1
José Lopes da Silva 1
José da Silva Guimarães 1
José Teixeira Guimarães 1

João Luiz Fernandes..... 1
Marques de Carvalho 1
da Natividade (D.) 1
Nunes Cardozo 1
Pinto... 1
Ramos Pinto 1
Rodrigues Estevão 1
Rodrigues Pereira Coelho 1
da Silva Bravo 1
Joaquim d'Almeida Correa Leal 1
Ribeiro Alves 1
Antonio Costa Negraes 1
.. Antonio Costa Rego 1
.. Antonio Pereira 1
... Antonio Pereira de Sousa 1
Callisto da Costa Coutto e Mello ... 1
Gorrea d'Oliveira Pinto 1
... Fernandes Jorge 1
... Ferreira d'Araujo e Silva 1
... Ferreira Sarmento 1
.. Gomes Loureiro 2
... Jorge Pinto 1
... José Correa de Sá 1
... José d'Oliveira 1
... José d'Oliveira Cardozo 1
... José Pinto 1
... José Teixeira Guimarães 2
... Leite 1
... Maria do Amaral Cardozo 1
... d'Oliveira Pinto d'Araujo Carneiro... 1
... Rodrigues Cruz 2
.. de Sá Coutp 1
... Tavares Cabril... 1
... Vaz d'Oliveira Junior 1
José Alves Jorge d'Oliveira Malta 1
A. Bandeira... 1

José Antonio Barboza da Rocha	1
Antonio Fernandes Braga...	1
Antonio de Lima	1
Antonio Ramos	1
Antonio da Silva Varella Falcão... ...	1
Apolinario Costa Neves	1
Aragão de Lyra	1
Augusto de Carvalho Barboza	1
Bento Lopes dos Reis	4
Bernardino d'Oliveira Basto	1
Caetano Correa de Sá	1
Candido Torres	1
Correa da Costa	1
Correa Leite Barbosa	1
Correa S. Paio	1
da Costa Sousa Pinto Basto	1
Estanislau	1
Estanislau Lacerda...	1
Filippe Jacomo de Vasconcellos	1
Francisco Esteina...	1
Gomes d'Andrade Ferreira Campos ...	1
Guedes da Silva	1
Joaquim Gomes	1
Joaquim da Silva Pereira...	1
Justino Pereira Carneiro Borges... ...	1
Kelly...	1
Luiz	1
Luiz Coelho da Rocha	1
Machado da Silva Ferreira	1
Maria Barreto Ramires	1
Maria Lopes	1
Maria de Magalhães	1
Maria de Magalhães Chaves	1
Maria Pinto...	10
Maria Pinto da Silva	1
Maria Queiroz	1

José Maria de Sousa Netto 1
Maria de Sousa Rodrigues 1
Maria Xavier 1
Marques Lourenço 1
Martinho Senior 1
Moreira da Costa... 1
de Moura Coutinho Almeida d'Eça ... 1
Pedro Salgueiro 1
Pereira Ferraz 1
Pinto d'Almeida 1
Pinto da Silva 1
Ribeiro de Novaes... 12
da Silva Monteiro 10
da Silva Passos 1
de Sousa Dias 1

L

Leõnardo Mendes Pereira 1
Libania Adelaide Amelia Teixeira Guimarães(D.) 1
Lopo José Dias de Carvalho 1
Lourenço Luiz da Costa 1
Luiz Antonio Nunes de Pinho 1
Carlos de Souto Rodrigues 1
Baptista Wolfio 1
José Alves de Sousa 1
José Dias Picão 1
Luiza Carolina de Loureiro (D.) 1

M

Manoel Alexandre Alves de Carvalho... ... 1
Alvares Lopes Faneca 1
Alves Correa Paes 1

Manoel Antonio Fernandes Adroza	1
da Costa Leite...	1
da Cunha Coelho	1
Gomes Alberto...	1
Francisco Jorge...	1
Homem Correa Telles...	1
Joaquim d'Oliveira Pinto	1
José d'Abreu	1
José Botelho da Cunha	1
José Fernandes...	1
José Godinho	1
José Pereira Coelho	1
José dos Santos...	1
José Tunes Durães	1
de Lima Ferraz da Silva	1
Luiz Ferreira	12
Maria Correa Bastos de Pinna ...	1
Maria de Magalhães	1
Maria de Mattos Pinto	1
Maria Ribeiro	1
Marques Pires	1
Martins Moreira...	1
Paulino d'Oliveira	1
Pereira	1
Pereira da Cunha e Costa	1
Pereira Zagallo...	1
Pinto d'Araujo Cardozo de Mendonça.	1
Ribeiro da Silva	1
de Sousa Dias Valle	1
Tavares Pinto da Rocha	1
da Veiga Campos	2
Maria Adelaide Teixeira de Carvalho Pinto (D.)	1
Martinho da Rocha Guimarães	1
Miguel Antonio Gonçalves	1
Joaquim Gomes Cardoso	1
José Fernandes Braga...	1

N

Nicolau Ferreira Freitas 1

P

Pedro José Correa Ribeiro 1
Pinto de Sousa 1
P. P. S. S. 1

R

Rafael Ferreira dos Santos 1
Ricardo Joaquim d'Oliveira Coelho 1
Roque Rangel d'Azevedo 1

S

Sebastião de Castro Lemos 3
José d'Oliveira 1
da Matta Almeida Maia 1
Simão Jorge Chaves Pimentel... 1

T

Thomaz d'Aquino Teixeira Guimarães ... 1
Antonio de Sá Abreu... 1
Maximo d'Aquino Correa 1
Timotheo José Godinho d'Almeida 1
Tristão Antonio Correa da Silva 1

V

Vicente Carlos Correa de Sousa Brandão ... 2
d'Oliveira Xavier 1
de Paula Correa de Sá e Moura ... 5
Victorino Joaquim da Fonseca 2
José Gomes da Costa 1